



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

GIZELDA FERREIRA DO NASCIMENTO LIMA

**O DISCURSO POLÍTICO SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO EM
*EU MARCHAREI NA TUA LUTA: A VIDA DE ELIZABETH TEIXEIRA***

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

GIZELDA FERREIRA DO NASCIMENTO LIMA

**O DISCURSO POLÍTICO SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO EM
*EU MARCHAREI NA TUA LUTA: A VIDA DE ELIZABETH TEIXEIRA***

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Orientador: Prof. Ms. Marcelo Vieira da Nóbrega

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

732 Lima, Gizelda Ferreira do

O discurso político sob a perspectiva da análise do discurso em Eu marcharei na tua luta [manuscrito] : a vida de Elizabeth Teixeira / Gizelda Ferreira do Nascimento Lima. - 2014.

54 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Me. Marcelo Vieira da Nóbrega, Departamento de Letras e Artes".

1. Análise do Discurso 2. Discurso Político 3. Memória I.
Título.

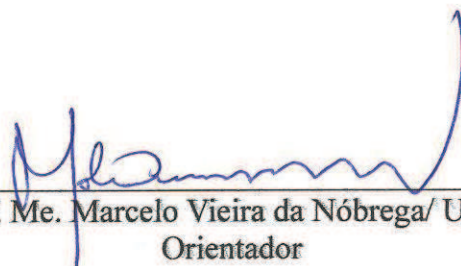
21. ed. CDD 401.41

GIZELDA FERREIRA DO NASCIMENTO LIMA

**O DISCURSO POLÍTICO SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO EM
*EU MARCHAREI NA TUA LUTA: A VIDA DE ELIZABETH TEIXEIRA***

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Aprovada em 11/06/2014.



Prof. Me. Marcelo Vieira da Nóbrega/ UEPB
Orientador

Maria de Lourdes da Silva Leandro
Prof.^a. Dr.^a. Maria de Lourdes da Silva Leandro / UEPB
Examinadora

Tânia Maria Augusto Pereira
Prof.^a. Dr.^a. Tânia Maria Augusto Pereira /UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

A Elizabeth Teixeira, grande símbolo de luta e resistência. Um exemplo de honra para as mulheres paraibanas. Soube romper com a opressão através da força da palavra que moveu a classe trabalhadora a lutar por seus direitos.

A todos os camponeses que participaram da Liga Camponesa da cidade de Sapé (PB), pela coragem de ir de encontro à ordem imposta pelos latifundiários. Pela herança que nos deixaram através da história.

A João Pedro Teixeira que deu a própria vida pelo Movimento. Por sua incansável vontade de melhorar a situação dos trabalhadores do campo. Por não ter desistido diante das ameaças. Por ter lutado até o seu último instante de vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida e saúde para ter conseguido concluir esta importante etapa da minha vida.

Ao professor Marcelo Vieira da Nóbrega, meu orientador, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação com a qual me orientou.

Às professoras Maria de Lourdes da Silva Leandro e Tânia Maria Augusto Pereira por participarem da banca examinadora e pelas contribuições sugeridas.

A Josenildo Maria de Lima, meu esposo e acima de tudo amigo pela paciência e auxílio durante a execução deste trabalho. Também pelas conversas, pelos momentos de leitura e, sobretudo, por compreender a minha ausência.

Aos meus familiares, minha mãe (Maria José), meu pai (Ademar Oliveira), meus irmãos (Gilberto e Gilmar), pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

Aos professores do Curso de Especialização em Língua Portuguesa da UEPB, que contribuíram ao longo deste período, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas da Especialização, pelos momentos de amizade e apoio durante as atividades acadêmicas. Agradeço em especial às amigas: Adeilma Machado, Ana Carla, Olívia Rodrigues, Ana Lúcia e Amanda Suderio.

RESUMO

Na presente pesquisa, analisamos o discurso político presente no livro *Eu Marcharei na Tua Luta: A vida de Elizabeth Teixeira* (2012), organizado por Lourdes Bandeira, Neide Miele e Rosa Silveira. Esta obra foi reeditada em 2011, pela Editora da Universidade Estadual da Paraíba, EDUEPB, como forma de homenagear o líder das Ligas Camponesas da Paraíba, João Pedro Teixeira. Traz como tema central a história de luta de Elizabeth Teixeira, uma das mulheres mais importantes das Ligas Camponesas. Como objetivo, propomos analisar as diferentes posições sujeito presentes no discurso político, da líder camponesa Elizabeth Teixeira, sob a perspectiva da Análise do Discurso, no livro *Eu marcharei na tua luta: A vida de Elizabeth Teixeira* (2012). Tomando como base as discussões presentes na obra, desenvolvemos nossa análise a partir da importância teórica da memória para a construção da obra, bem como da mudança de discurso apresentado pela autora antes e após a morte do seu marido, Pedro Teixeira. Para tanto, discutimos alguns conceitos centrais da Análise do Discurso da linha francesa: ideologia, discurso, memória, formação discursiva e condições de produção. Os procedimentos metodológicos adotados centram-se na pesquisa bibliográfica e descritiva, uma vez que visa a analisar o discurso feminino através do material teórico já existente sobre o tema. Ao longo da nossa análise foi possível perceber que a condição feminina imposta pelo contexto histórico e social foi responsável por criar vários empecilhos para a representação de Elizabeth Teixeira. No discurso da autora ficou sempre bem marcada a dificuldade que ela sentia em conciliar seus diferentes papéis como mulher, esposa, mãe e líder camponesa. Ao final deste trabalho concluímos que a história, a ideologia e a memória foram indispensáveis para a construção do discurso de Elizabeth Teixeira. Um discurso de resistência que ultrapassou a barreira do silêncio ao se inscrever na história.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Discurso Político. Memória.

ABSTRACT

In this research, we analyze the political discourse in the book *Eu marcharei na tua luta: A vida de Elizabeth Teixeira* (2012) organized by Lourdes Bandeira, Neide Miele e Rosa Silveira. This title was reissued in 2011, by Editora da Universidade Estadual da Paraíba, EDUEPB, as a way of paying homage to the leader of Ligas Componesas da Paraíba, João Pedro Teixeira. It brings as central theme the history of Elizabeth Teixeira's struggle, one of the most important women of Ligas Componesas. The aim, we propose to analyze the different subject positions present in the political discourse of the peasant leader Elizabeth Teixeira, in a Discourse Analysis perspective, in the book *Eu marcharei na tua luta: A vida de Elizabeth Teixeira* (2012). Based on the discussions present in this book, we develop our analysis from the importance of memory theory in the construction of the book, as well as the change of discourse presented by the author before and after her husband's death, Pedro Teixeira. For this, we discuss some central concepts of French Discourse Analysis: ideology, discourse, memory, discursive formation and conditions of production. The methodological procedures used are focused on bibliographic and descriptive research, since it aims to analyze the female discourse through the theoretical material current existing about the subject. Throughout our analysis was possible to notice that the female condition imposed by the historical and social context was responsible for creating several impediments for the representation of Elizabeth Teixeira. In the author's discourse was always marked difficulty in what she felt in reconciling her different roles as a woman, wife, mother and peasant leader. At the end of this study we conclude that the history, ideology and memory were necessary for the construction of the Elizabeth Teixeira's discourse. Discourse of resistance that went further than the silence when enroll it in history.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Politian Discourse. Memory.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	8
2. A HISTÓRIA DAS LIGAS CAMPONESAS NO BRASIL.....	13
2.1 A História de Luta de João Pedro Teixeira	15
3. A ANÁLISE DO DISCURSO	19
3.1 Discurso e Ideologia	22
3.2. O Sujeito Discursivo.....	24
3.3. Formação Discursiva	25
3.4. As Condições de Produção e os Aparelhos Ideológicos do Estado	27
3.5. Memória	31
4 - UMA ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO DE ELIZABETH TEIXEIRA	32
4.1. O Lugar Social das Mulheres no Contexto das Ligas Camponesas	33
4.2 O Discurso de Elizabeth Teixeira no momento anterior à morte de Pedro Teixeira	39
4.3 O Discurso de Elizabeth Teixeira no momento posterior à morte de Pedro Teixeira.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	53

1. INTRODUÇÃO

A mulher passou um longo período sem ter um lugar de respeito na sociedade. Até o início do século XIX, sua participação restringia-se quase sempre ao espaço doméstico, ou seja, aos papéis de mãe e esposa. Assim, não tinha direito a participação nos espaços públicos como escola, política, ao contrário da maioria dos homens. Sua representação foi sempre pautada sob o olhar masculino, tornando comum características que se diziam inatas às mulheres, como, por exemplo, traços delicados, fragilidade, passividade.

Em *A Dominação Masculina* (2010), Pierre Bourdieu defende que o corpo é considerado o lugar, no qual se inscrevem as disputas pelo poder. Assim, a partir do biológico seria definido qual o gênero dominante e o dominado. O homem se configuraria, portanto, como o dominador que através das estruturas sociais de poder perpetuaria esse pensamento.

Este trabalho tem como objetivo analisar o discurso político presente no livro *Eu Marcharei na Tua Luta: A vida de Elizabeth Teixeira* (2012), organizado por Lourdes Bandeira, Neide Miele e Rosa Silveira. A obra traz como tema central a história de luta de Elizabeth Teixeira, uma das mulheres mais importantes das Ligas Camponesas, Movimento social realizado a partir de 1958 na cidade de Sapé - PB. Elizabeth Teixeira apresenta-se como uma mulher à frente do seu tempo, tendo sido incompreendida pela família, vivendo em um universo no qual o patriarcado era o pensamento predominante na época. Seus pensamentos e atitudes a colocaram diante de situações vivenciadas por poucas mulheres nesse contexto histórico ficam evidentes na seguinte citação:

E eu lutei, e sofri ameaças, prisões, agressões... Quantas vezes, eu tive que passar por uma fila de soldados, de um lado e do outro, já com ordem de prisão, e eles atiravam nos meus pés... mas eu não baixava a cabeça e ainda dizia: – Esta é mais uma covardia de vocês, atiraram e mataram João Pedro, hoje atiram nos meus pés porque eu estou no lugar dele (BANDEIRA, MIELE E SILVEIRA, 2012, p. 111).

A inserção das mulheres nos Movimentos Sociais não foi uma tarefa fácil, e nesta passagem fica evidente o tratamento dado aos sujeitos que não obedeciam às ordens impostas pelos latifundiários. Entender essa vivência feminina de Elizabeth Teixeira nas Ligas Camponesas é reconhecer que, mesmo em um cenário, no qual as mulheres não tinham espaço para assumir um papel político na sociedade, algumas, a exemplo de Elizabeth

Teixeira, conseguiram se sobressair.

A obra *Eu marcharei na tua luta: a vida de Elizabeth Teixeira* foi reeditada em 2011, pela Editora da Universidade Estadual da Paraíba, EDUEPB, como forma de homenagear o líder das Ligas Camponesas da Paraíba, João Pedro Teixeira, seu esposo. Através de uma série de entrevistas gravadas durante longas sessões com Elizabeth Teixeira a partir do ano de 1984 foi possível escrever essa obra. Segundo Bandeira, Miele e Silveira (2012), tais entrevistas duraram de três a quatro meses, e só depois foram transcritas sob a forma de livro.

É importante ressaltar que a obra não é narrada no tempo cronológico, visto que a narrativa segue a ordem da memória da narradora. É a partir das suas lembranças que a obra é contada. Assim, temos pausas, interrupções e até lágrimas. Por isso, muitas vezes, durante a leitura, temos a impressão de que todos os fatos aconteceram no mesmo momento. Desta forma, podemos dizer que a memória é o fio condutor da obra, uma vez que ela é a responsável por conduzir Elizabeth Teixeira à história da Liga Camponesa de Sapé - PB.

As Ligas Camponesas exerceram uma grande influência na luta pela reforma agrária no Brasil, durante o final da década de 1950 e início da década de 1960. Se pensarmos a situação da questão agrária no Brasil, veremos que o homem do campo sempre sofreu pela forma como a terra foi e é gerida no país. Durante o governo de Getúlio Vargas, houve uma tentativa de modernização do campo, o que acabou contribuindo ainda mais para a concentração da terra nas mãos de poucos. Nesse período, muitos agricultores foram expulsos de suas terras para dar espaço ao tão almejado progresso.

A partir de 1950, houve um período de transição no Nordeste, no qual os engenhos entraram em decadência, abrindo espaço para as usinas. Com essa modernização muitos agricultores ficaram sem terra, sem ter o que produzir e do que se alimentar. É nesse momento em que tem início o êxodo rural, que obrigou muitos trabalhadores a fugirem para outras regiões do país em busca de melhores condições de trabalho. E os camponeses que se mantiveram nas terras tiveram que se submeter ao sistema de trabalho dos grandes produtores. Esse sistema de trabalho se caracteriza justamente por explorar ao máximo a mão de obra do trabalhador, com altos valores para o aluguel da terra e indignos salários para a sobrevivência dessa categoria.

Assim, convencionou-se entre as gerações de camponeses, que esse era o modelo de trabalho a ser seguido e sobre hipótese alguma deveria ser questionado. No entanto, com a chegada de Pedro Teixeira à cidade de Sapé – PB, houve um processo de conscientização do

homem do campo, na busca por seus direitos, direitos esses que a população nem sabia que existiam. Conforme apresenta Bandeira, Miele e Silveira (2012).

Isso foi em 1956, e João Pedro começou a entrar em contato com o homem do campo, a tomar conhecimento da realidade do homem do campo e viu que existia o cambão, que o homem vivia no maior sacrifício, que o foreiro todos os anos tinha que pagar um foro maior, e João Pedro começou a despertar para a luta contra o cambão e contra o aumento do foro (BANDEIRA, MIELE E SILVEIRA, 2012, p. 61).

Pedro Teixeira teve conhecimento dessas ideias durante os nove anos em que morou em Recife de 1945 a 1954, tendo sido influenciado pelo Movimento Operário e pelas ideias do Partido Comunista. As Ligas Camponesas surgiram primeiro na região sul do país. Depois das experiências do Movimento em Goiás e Minas elas chegaram ao Nordeste. Tendo sido introduzidas no Nordeste na cidade de Sapé - PB, através de João Pedro Teixeira, depois ganharam repercussão internacional em 1962, com a notícia do assassinato de seu mentor e militante mais importante. Este movimento teve início a partir das reivindicações dos camponeses por melhores condições de vida, tendo em vista que eram submetidos às injustiças cometidas pelos grandes proprietários de terra.

Como objetivo geral, propusemos analisar as diferentes posições sujeito presentes no discurso político, da líder camponesa Elizabeth Teixeira, sob a perspectiva da Análise do Discurso, no livro *Eu marcharei na tua luta: A vida de Elizabeth Teixeira* (2012). E como objetivos específicos: a) comparar as diferentes vertentes discursivas assumidas pela líder camponesa Elizabeth Teixeira, acerca das lutas em defesa das ligas camponesas, antes e após a morte de seu esposo, João Pedro Teixeira; b) analisar qual o lugar social ocupado pelas mulheres na sociedade da época; e c) discutir qual o papel da memória na formação discursiva do discurso de Elizabeth Teixeira.

Os movimentos sociais geralmente emergem dos grupos oprimidos, de reivindicações que assumem um caráter político, colocando em evidência a influência de determinadas ideologias. No caso das Ligas Camponesas, surgem dos ideais do comunismo que ficou amplamente conhecido durante o período da ditadura militar no país. A Liga Camponesa de Sapé – PB surgiu em 1958 e foi interrompida em 1964. De acordo com Elizabeth Teixeira, o golpe de 1964 foi justamente uma forma de acabar com as Ligas Camponesas, tendo em vista que houve uma grande perseguição, prisão e morte dos seus membros. O grande exemplo é a própria Elizabeth que precisou mudar de Estado e de identidade para não ser morta durante

esse período de perseguição política.

A partir do olhar de Elizabeth Teixeira, discute-se o surgimento e desenvolvimento das Liga Camponesa da cidade de Sapé, PB, bem como suas experiências como uma das grandes líderes do Movimento. Este trabalho tem sua relevância no campo da Análise do Discurso, tendo em vista que busca analisar os vários discursos assumidos pela narradora ao longo da obra, bem como as ideologias que perpassam esses diferentes discursos.

A memória de Elizabeth Teixeira é responsável por um discurso emblemático que nesta obra ganha diferentes contornos, a partir das diferentes identidades assumidas pela autora. Falar em análise do discurso é colocar em evidência processos sócio-históricos que nos permitem ver como nos constituímos enquanto sujeitos. No prefácio desta obra Silveira (2012) defende o papel de Elizabeth Teixeira para a memória da Liga Camponesa. Acerca do papel da memória, comenta a estudiosa que:

A memória é uma poderosa arma no enfrentamento político. Elizabeth Teixeira registrar seu depoimento é tirar as Ligas de um passado que as quiseram mortas, e torná-las vivas, alimentando a luta dos trabalhadores rurais de agora, a mostrar que a História é sempre produto de seu tempo e, por isso, também é arma perigosa contra todos aqueles que temem a força das massas trabalhadoras (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 22).

Simbolicamente, a figura de Elizabeth Teixeira é a memória desse movimento de luta. No seu discurso estão presentes as diferentes vozes sociais que não caíram no esquecimento porque tiveram representação no discurso da autora. Fazer um trabalho dessa natureza é cumprir um papel social, dando a oportunidade de conhecer uma grande história como a de Elizabeth Teixeira.

Elizabeth Teixeira revela que, desde criança, já possuía um olhar voltado para o social. A todo o momento, ela nega o discurso defendido pela ideologia dominante dos latifundiários, que vê nos camponeses o meio mais fácil para o lucro, dispensando a esses trabalhadores qualquer tipo de direito que eles venham a ter sobre a terra. Impondo, que estes paguem altos valores pelo arrendamento da terra. Assim, se apropriam da ideologia do cotidiano, que exige dos latifundiários melhores condições de trabalho para os camponeses, através de garantias que reconheçam o valor do seu trabalho nas terras, mesmo que essas terras não sejam suas, para que assim sejam construídos novos espaços sociais nos quais as minorias, representadas na figura dos camponeses, possam dispor de uma vida digna junto a seus familiares.

Tomando como base as discussões presentes na obra, elaboramos a seguinte questão-

problema norteadora para a pesquisa: Quais as estratégias presentes no discurso da mulher, esposa, mãe, dona de casa e militante Elizabeth Teixeira, antes e posteriormente à morte de seu esposo e também militante João Pedro Teixeira?

Os procedimentos metodológicos adotados centram-se na pesquisa bibliográfica e descritiva, uma vez que visa analisar o discurso feminino através do material teórico já existente sobre o tema. Como esta pesquisa tem como base a teoria da Análise do Discurso de linha Francesa utilizamos as traduções de alguns autores brasileiros a respeito da AD, dentre eles Fernandes (2007), Orlandi (2008, 2007, 2004), Mussalim (2006). No primeiro momento da pesquisa foi feita a leitura das obras que trazem como temática a AD, debruçando-se sobre seus principais conceitos: discurso, ideologia, memória, formação discursiva e também condições de produção.

Também foram utilizadas obras sobre a história das Ligas Camponesas no Brasil, uma vez que a identidade política de Elizabeth Teixeira é construída neste contexto social. Por falar em discurso político é essencial traçar o papel histórico da mulher na sociedade a partir das suas experiências e, assim, mostrar a importância da figura de Elizabeth Teixeira para a história da mulher na sociedade.

Nosso trabalho é dividido basicamente em três partes. No primeiro momento, nos dedicamos a apresentar o surgimento das Ligas Camponesas no Nordeste, bem como seu contexto de produção, objetivos de luta e seu desenvolvimento. No segundo, desenvolvemos os principais conceitos da Análise do discurso, apoiando-nos nos principais teóricos que trabalham nessa perspectiva, além de destacarmos a importância dessa vertente de estudo para nosso trabalho. Por último, desenvolvemos a análise do discurso político de Elizabeth Teixeira, apoiando-nos em dois momentos distintos da obra: o momento anterior à morte de João Pedro Teixeira, seu marido, e o posterior, ou seja, a morte aparece como o divisor de águas dessa análise, tendo em vista que temos uma drástica mudança no discurso da narradora a partir desse acontecimento.

2. A HISTÓRIA DAS LIGAS CAMPONESAS NO BRASIL

As Ligas Camponesas sofreram uma grande influência do Socialismo, que se expandiu para diversos países através de uma nova filosofia de vida, que buscava condições de igualdade entre as pessoas. Defendia a extinção da propriedade privada, pois entendia que os problemas sociais eram consequência das desigualdades sociais, fruto da má divisão das propriedades e dos bens de consumo.

O contexto histórico do surgimento das Ligas Camponesas caracterizou-se como um período conturbado da história, no qual vigorava a guerra fria, embate entre o Capitalismo e Socialismo, que duelavam dividindo o mundo em duas partes. Neste momento, a grande maioria das lideranças políticas lutavam contra o avanço das ideias comunistas que já se introduziam no Brasil.

Através do golpe militar de 1964, instaurou-se um caos no país, pois o Estado começou uma grande perseguição contra quaisquer ideias ou movimentos de esquerda. Assim, qualquer cidadão que infringisse o pensamento ditado pelo Estado, era imediatamente colocado sob suspeita, passando a ser perseguido e quase sempre preso e mantido sob o regime de tortura, algo, aliás, muito comum para os presos políticos durante a ditadura militar. Nesse momento político do Brasil, o comunismo ganhou um tom de palavrão, o qual as pessoas sequer podiam mencionar em voz alta, para não atrair a força do Estado, comandada pelo governo dos militares.

Nos anos de 1960 a maioria da população brasileira vivia no campo. Os ricos eram considerados os latifundiários (grandes proprietários de terra). E a economia girava em torno da agricultura. Esses latifundiários representavam apenas uma minoria da população, no entanto, destacavam-se como os mais importantes, pois detinham o domínio da propriedade de maior valor, a terra, considerada o maior tesouro neste contexto social, tendo em vista que dela vinha a sobrevivência da população do campo e das pequenas cidades.

No começo dos anos de 1960, a população brasileira era menos da metade do que é hoje. Somente em 1970, é que nossa população atingiu 90 milhões de habitantes. A maioria da população vivia no campo, em situação de gritante injustiça. Viviam, na maioria, ou a serviço das grandes usinas, no cultivo da cana, como assalariados temporários, sem acesso aos direitos trabalhistas já conquistados pelos colegas das grandes cidades, ou trabalhando para os grandes proprietários de terra, como moradores, arrendatários, foreiros, vivendo sujeitos aos caprichos dos grandes latifundiários (GRUPO DE MOVIMENTOS POPULARES, 2002, p.19).

Por ter o poder nas mãos, os latifundiários abusavam das necessidades da maioria da população que não possuía nenhum tipo de propriedade. Os camponeses eram submetidos a todo tipo de injustiça para conseguirem sobreviver: pagavam altos valores para morar nas terras, trabalhavam por pequenos salários, não possuíam nenhum direito trabalhista e eram humilhados e expulsos das terras sem nenhum tipo de pagamento por seu trabalho.

A luta que eu achava mais difícil era entrar no campo para entrar em entendimento com os proprietários quando havia algum despejo, gado invadindo as lavouras, cerca botada abaixo. Os patrões não queriam indenizar o trabalhador de maneira nenhuma, e a gente tinha que botar uma banca meio pesada, ir com um grupo grande de camponeses para intimidar o patrão, para ele pagar o direito do trabalhador (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 105).

As Ligas Camponesas, portanto, emergem desse espaço social de descaso com o trabalhador do campo, uma vez que essa situação de injustiça nunca importou aos governantes, já que o apoio para elegê-los vinha justamente desses donos de terra. Parece que até hoje muita coisa não mudou. De acordo com Elizabeth Teixeira continuamos num país onde uma minoria detém o poder das propriedades, sendo uma grande porcentagem dessas propriedades inutilizadas por seus donos, enquanto uma maioria sofre sem ter um pedaço de terra para plantar e sobreviver:

E hoje a situação do homem do campo continua a mesma. Tantos anos se passaram e hoje continua essa mesma luta no campo, do mesmo jeito, é uma coisa incrível, não é? Eu vejo a luta dos companheiros acampados ali, lutando por um pedaço de terra e fico me lembrando do passado, de 1950, 1962, 1964, quando eu atuava no campo, quando via capanga entrar a cavalo pela porta da frente e sair pela porta do fundo, quebrando tudo que tivesse dentro de casa, cortando corda de rede, matando a criação, matando cachorro e galinha, e os companheiros tinham que deixar a casa... Acho isso tudo uma coisa muito injusta no nosso país. E continua acontecendo assassinato de companheiros e companheiras, como nossa querida Margarida Alves, assassinada barbaramente na porta de sua casa. E por quê? Porque ela defendia a causa do trabalhador! Uma causa justa! Até hoje o homem do campo continua sendo explorado, injustiçado, massacrado, violentado. E se for lutar é assassinado, assim como foi com João Pedro, com Margarida e outros tantos companheiros pelo país afora. É difícil, é difícil, essa luta é muito difícil (BANDEIRA, MIELE E SILVEIRA, 2012, p. 108).

Muito se fala sobre as lutas por terra no Brasil, no entanto, essas injustiças remontam a um período muito antigo da nossa história. A colonização dos índios é o exemplo vivo da

violência cometida pelos portugueses nas terras brasileiras. O poder exercido pelos latifundiários durante as Ligas Camponesas é o mesmo que o dominador Português exerceu sobre os indígenas durante o processo de colonização. Assim, podemos dizer que essa luta tem espaço antigo na História do Brasil.

De acordo com Bandeira, Miele e Silveira (2012), a Liga Camponesa da cidade de Sapé - PB foi fundada no ano de 1958, e teve como seu primeiro presidente João Pedro Teixeira. No entanto, desde o período de 1954, João Pedro já vinha lutando a favor do homem do campo. E nos anos anteriores à fundação da Liga Camponesa, ele já tinha conseguido muitos adeptos para o Movimento. A primeira Liga Camponesa da Paraíba surgiu na cidade de Sapé, depois vieram a de Mari, Mamanguape e Santa Rita. Essas Ligas Camponesas funcionavam graças à participação ativa do homem do campo, que comparecia aos atos públicos realizados todos os meses na cidade de Sapé. Tais reuniões eram responsáveis, justamente, por colocar em discussão os problemas do campo para toda a população.

2.1 A História de Luta de João Pedro Teixeira

João Pedro Teixeira nasceu em 1918, na cidade de Pilõezinhos, próximo à cidade de Guarabira. Chegou, inclusive, a participar das reuniões e ser leitor dos jornais comunistas. O primeiro contato de João Pedro com o Partido Comunista aconteceu na cidade de Recife. Ele chegou a se filiar ao Partido Comunista.

A história da luta por terra no Brasil parece ter se tornado uma herança cultural. Percebemos, na obra de Elizabeth Teixeira, que seu marido já herdou do pai o sentimento da busca por justiça. João Pedro (pai) era o responsável pelo arrendamento das propriedades para os agricultores, no tempo em que viveu em Pilõezinhos. No entanto, após dois anos morando neste local, iniciou-se uma disputa por terra. João Pedro (pai), como era conhecido, passou a ser alvo dos patrões. E numa discussão sobre terras com dois filhos do proprietário, João Pedro acabou assassinando duas pessoas. Como efeito, teve que fugir e nunca mais foi visto pelos familiares.

No início do casamento de Elizabeth Teixeira e Pedro Teixeira, nos anos de 1942 a 1944, os dois moraram no Sítio Massangana, com Luiz Pedro, tio de Pedro Teixeira, que trabalhava como gerente nesta propriedade. No entanto, com o tempo os dois acabaram se

desentendendo porque João Pedro tomou partido a favor dos trabalhadores.

João Pedro desentendeu-se com o tio por conta das agressões que eram feitas contra os moradores. A dona do engenho, a viúva do coronel, era muito brava e mandava que o gerente do engenho tratasse os trabalhadores no pau, que expulsasse os moradores... (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 53).

Assim, por não compartilhar das mesmas ideias do tio, João Pedro mudou-se para a cidade de Recife em 1945, onde morou por nove anos. Foi neste local que Pedro Teixeira teve seu primeiro contato com o Movimento Comunista.

Em Recife, a experiência de trabalho de João Pedro foi numa pedreira, e a partir das péssimas condições de trabalho dos funcionários, foi o responsável por fundar o Sindicato dos Operários das Pedreiras, no qual foi eleito presidente. “João Pedro fundou o sindicato da classe dele em Recife, dos trabalhadores que trabalham na pedra” (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 56). Com essa iniciativa os proprietários das pedreiras passaram a vê-lo como um inimigo. Portanto, não queriam mais empregá-lo em suas propriedades. De acordo com Elizabeth Teixeira, em 1950, ele já trabalhava na política entregando panfletos ao povo. Assim, podemos dizer que Pedro Teixeira teve uma grande influência do Partido Comunista, que começou a ganhar força no Brasil neste contexto histórico.

Devido à difícil situação em Recife, no ano de 1954, retornaram a Sapé para viverem em uma propriedade do pai de Elizabeth. Logo, Pedro Teixeira fez amizade com João Alfredo Dias (Nego Fuba), o que o colocou ainda mais próximo dos movimentos sociais, uma vez que esse seu amigo era o presidente do Partido Comunista Brasileiro, na cidade de Sapé. Foi neste momento que João Pedro começou a sua luta junto aos trabalhadores do campo.

Isso foi em 1956, e João Pedro começou a entrar em contato com o homem do campo, a tomar conhecimento da realidade do homem do campo e viu que existia o cambão, que o homem vivia no maior sacrifício, que o foreiro todos os anos tinha que pagar um foro maior, e João Pedro começou a despertar para a luta contra o cambão e contra o aumento do foro (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 61).

A política do cambão imposta pelos proprietários de terra era praticamente um regime de escravidão. No cambão, o primeiro dia de trabalho da semana era dado gratuitamente ao patrão. Assim, o agricultor trabalhava de graça. Nos outros dias da semana, o agricultor trabalhava pelo preço que o patrão quisesse pagar. E, por fim, o trabalhador não recebia pelo seu trabalho em dinheiro, mas sim com um vale, o qual podia trocar por alimento no barracão

do seu chefe. De acordo com Bandeira, Miele e Silveira (2011, p. 65), “O objetivo da Liga era lutar contra esta injustiça, esse era o trabalho de João Pedro, conscientizar o homem do campo a se unir para combater essa e outras injustiças”.

Diante desse regime de trabalho, João Pedro indignou-se e começou um trabalho de conscientização junto aos trabalhadores:

Não era fácil para João Pedro porque o homem do campo acreditava que tinha nascido para sobreviver sendo escravo do patrão. Então, para colocar na cabeça dele que ele não era escravo, que ele morava ali, que trabalhava ali e que tinha os seus direitos, não foi fácil (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 67).

Em meses de trabalho iniciou-se uma luta contra os latifundiários para derrubar o cambão. Aos poucos, esse objetivo foi sendo alcançado nas várias fazendas da região. No entanto, tal objetivo não foi conquistado na primeira tentativa, pois, quando os agricultores se negavam a obedecer às ordens do patrão, este mandava que seus capangas soltassem o gado na lavoura do agricultor, o que o deixava sem saída diante das dificuldades. Assim, as Ligas Camponesas trabalhavam justamente no sentido de auxiliar o homem do campo na luta pelas injustiças cometidas pelos latifundiários.

No período de 1958 a 1962, a luta foi muito dura, muito forte. Na renúncia de Jânio Quadros, a nossa casa foi cercada pelo Exército. Quando abrimos a porta, o Exército invadiu, armados de metralhadoras, revirando tudo, até jornal velho eles encontraram. Era o “Terra Livre”. Ah! Aqui – tem comunista! Eles juntaram aqueles jornais e levaram João Pedro preso (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p.62).

Nos anos de 1967 a 1973, pouco se falava na questão agrária no Brasil, até porque o regimento político vigente não deixava. Esse período ficou conhecido como “Milagre Brasileiro”, e até acreditou-se que a questão agrária tivesse sido resolvida com o aumento da produção agrícola. No entanto, quando o chamado “Milagre” acabou percebeu-se que apenas uma minoria tinha sido beneficiada com a interferência do governo na questão. Em contraponto, os trabalhadores rurais foram os que mais sofreram com essa industrialização.

Evidentemente não é bem um “ressurgimento da questão agrária”, pois ela não foi resolvida anteriormente. De um lado – da parte daqueles que não a podiam esquecer, porque a questão agrária faz parte da sua vida diária, os trabalhadores rurais – ela fora silenciada. Para isso foi necessário fechar

sindicatos, prender e matar líderes camponeses, além de outra série de violências que todos conhecem ou pelo menos imaginam (SILVA, 1983, p. 9-10).

Podemos perceber que o golpe militar de 1964 interferiu duramente nas melhoras conseguidas através das lutas dos camponeses. Essa perseguição foi sentida duramente pelos membros das Ligas Camponesas. A verdade é que, quando o Movimento tinha ganhado força entre um grande número de camponeses, o governo teve medo e interveio. Mas, o que poucos sabem é como realmente aconteceu essa intervenção por parte do governo. Elizabeth Teixeira, líder das Ligas Camponesas na época, precisou abandonar seus filhos, seu estado e até sua verdadeira identidade para não perder a vida, além de contar como vários dos seus companheiros de luta foram mortos e torturados durante esse regime político.

De acordo com Silva (1983), não se pode separar a questão agrícola da agrária. Ambas estão diretamente ligadas, uma vez que uma interfere quase sempre na outra. Assim, a questão agrária está presente nas crises agrícolas, do mesmo modo que a questão agrícola tem suas raízes na crise agrária.

A questão agrícola diz respeito aos aspectos ligados às mudanças na produção em si mesma: o que se produz, onde se produz e quanto se produz. Já a questão agrária está ligada às transformações nas relações de produção: como se produz, de que forma se produz (SILVA, 1983, p. 11).

Segundo Silva (1983), a questão agrária sempre ressurgue nas discussões travadas no Brasil, pois em todos esses anos nunca foi resolvida. Assim, as relações capitalistas de produção só fizeram agravar ainda mais essa situação. O modo como o país conseguiu aumentar sua produção agropecuária causou impactos negativos na agricultura e, conseqüentemente, na vida do trabalhador do campo que vive da agricultura.

Se fizermos uma análise da propriedade terra no contexto brasileiro, veremos que esse problema de divisão e ocupação de terras é consequência da colonização. Mesmo depois da Independência, esse problema da questão agrária parece não querer ser solucionado. É contraditório saber que, mesmo depois da Abolição da Escravatura, o homem continua a ser escravizado, pois esse regime de trabalho do cambão pode ser considerado um tipo de regime de escravização.

João Pedro Teixeira morreu no dia 2 de Abril de 1962, fato no qual o pai de Elizabeth Teixeira teve sua contribuição. O casamento de Elizabeth com Pedro Teixeira foi realizado

contra a vontade do pai da moça. No entanto, mesmo depois de casada e sendo mãe, o seu pai nunca desistiu de ter a filha novamente ao seu lado, nem que para isso ela tivesse que abandonar o marido e os filhos, coisa que Elizabeth Teixeira nunca quis fazer. Com ódio pela filha não aceitar sua proposta de abandonar a família, decidiu vender a terra na qual Elizabeth morava com a família.

Porém, sem ter para onde ir, Elizabeth e Pedro Teixeira continuaram a morar na propriedade com os filhos, até que o novo proprietário da terra usou de má fé para obrigá-los a saírem da mesma. Soltavam o gado na plantação e ameaçavam Pedro Teixeira diariamente. Após uma briga na justiça, com audiência em João Pessoa - PB, mataram João Pedro numa emboscada planejada pela polícia. Foi morto covardemente com tiros de fuzil, ironicamente pelos indivíduos que representam a justiça em nosso país.

3. A ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso (AD) surge na França a partir da década de 1960, mais precisamente com a publicação da obra *Análise Automática do Discurso* (1969), do autor Michel Pêcheux. A partir do surgimento dessa teoria, abre-se um leque de possibilidades para se explorar os vários sentidos existentes nos textos uma vez que o que se coloca em cena como objeto de análise é o discurso.

As discussões teóricas dos momentos anteriores à década de 1960 foram responsáveis por propiciar o surgimento da AD. Essa disciplina dialoga com diferentes campos do saber, utilizando-se do pensamento sociológico de Althusser, de Freud e de Foucault, dos teóricos da linguística e da teoria da enunciação. A Análise do Discurso apresenta-se, portanto, como um campo de estudo interdisciplinar uma vez que dialoga com os diversos conceitos das diferentes áreas do conhecimento. De acordo com Orlandi (2007, p. 25), “este conjunto de trabalhos produz condições intelectuais propícias à abertura de um espaço de existência de uma disciplina como a Análise de Discurso que teoriza a interpretação, isto é, que coloca a interpretação em questão”.

A Análise do Discurso vê a linguagem como instrumento necessário no diálogo entre o homem e a sua realidade social, pois é através da linguagem que nos constituímos enquanto

sujeitos sociais e nos inscrevemos historicamente, colocando em evidência nossas ideologias. Podemos, assim, dizer que a linguagem é o corpo, no qual se inscrevem o social, o histórico e o ideológico na busca pela significação.

Para Pêcheux (1969), o surgimento da AD foi presidido por uma aliança entre a história, a linguística e a enunciação. Constituiu-se da história para explicar os fenômenos sociais, da linguística para explicar os processos de enunciação e da teoria do sujeito para explicar a subjetividade existente na linguagem. Por surgir em um contexto conturbado da história a Análise do Discurso não foi projetada para ser um simples campo de estudo, mas sim um instrumento de intervenção política e social, tendo em vista que vários dos seus teóricos foram militantes políticos de esquerda, fato em que se percebe uma grande influência das teorias marxistas nas suas obras.

A Análise de Discurso trabalha com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade (ORLANDI, 2007, p. 15-16).

Assim, não é possível conceber a língua como separada do social, uma vez que os sentidos materializados a partir da linguagem só são possíveis amparados pelas condições de produção que se encontram no social.

De acordo com Orlandi (2004, p. 20), “a linguagem é um sistema de relações de sentidos onde, a princípio, todos os sentidos são possíveis, ao mesmo tempo em que sua materialidade impede que o sentido seja qualquer um”. Ou seja, para a análise do discurso não existe um sentido único e acabado, mas sim uma pluralidade de sentidos assumidos pelos sujeitos sociais. Todavia, não é pelo fato de existirem vários sentidos em um mesmo texto que podemos fazer qualquer leitura, que se distancie definitivamente do que está sendo proposto já que para formação dos textos há uma materialidade que lhe é constitutiva, apresentando-se esta na linguagem.

É através da linguagem que nos revelamos e nos posicionamos enquanto sujeitos sociais. Os muitos sentidos que interpretamos nos textos não surgem do nada, pois no ato da comunicação o enunciador deixa marcas linguísticas e sociais que enunciam sobre o assunto. Assim, a partir dessas marcas linguísticas, identificamos o lugar social do qual esse sujeito fala, sua ideologia, seus conhecimentos de mundo e o situamos historicamente. Portanto, o

sentido nunca pode ser qualquer um.

Assim, a linguagem passa a ser vista como opaca, polissêmica e não transparente. A língua é vista como indefinição e ausência. Para Orlandi “vale ainda lembrar que esse todo em que se constitui o texto é de natureza incompleta. Indo mais além, podemos afirmar que a condição de existência da linguagem é a incompletude” (ORLANDI, 2008, p. 22).

Na Análise do Discurso não importa o sujeito em si, mas o lugar ideológico do qual esse sujeito fala, tendo em vista que é através deste lugar que o discurso se constitui. A formação discursiva é a responsável por demarcar o que pode ser dito pelos sujeitos no momento da enunciação, no qual está inserido. Segundo Mussalim (2006), os sentidos de um discurso são demarcados e preestabelecidos pelas próprias formações discursivas no espaço interdiscursivo.

Em outras palavras, o sujeito do discurso ocupa um lugar de onde enuncia, e é este lugar, entendido como a representação de traços de determinado lugar social (o lugar do professor, do político, do publicitário, por exemplo), que determina o que ele pode ou não dizer a partir dali. Ou seja, este sujeito, ocupando o lugar que ocupa no interior de uma formação social, é dominado por uma determinada formação ideológica que preestabelece as possibilidades de sentido de seu discurso (MUSSALIM, 2006, p. 123).

As condições de produção dizem muito para os analistas, porque revelam através da história o contexto social e o ideológico, no qual a obra foi produzida. Assim, podemos dizer que o sentido é construído historicamente em função de suas condições de produção.

Para a Análise do Discurso nem o sujeito, nem os sentidos podem ser concebidos como individuais, mas como históricos e ideológicos. Para isso, é preciso saber que a AD de linha Francesa privilegia o contato com a história nas suas análises. De acordo com Mussalim (2006), os sujeitos são condicionados por determinada ideologia que predetermina a formação do seu discurso já que ditam o que poderá ou não ser dito. Assim, podemos dizer que a Análise do Discurso se preocupa com as relações entre as condições de produção dos discursos e de que modo esses processos interferem ou permitem a sua constituição.

Para Pêcheux, é como se houvesse uma máquina discursiva, um dispositivo capaz de determinar, sempre numa relação com a história, as possibilidades discursivas dos sujeitos inseridos em determinadas formações sociais, conceito originário da obra de Althusser (1970) que designa, em determinado momento histórico, um estado de relações – de aliança, antagonismo ou dominação – entre as classes sociais de uma comunidade (MUSSALIM, 2006, p. 106).

A história é, desta forma, a responsável por criar possibilidades e bloqueios na formação dos discursos. Por isso, o discurso está sempre em diálogo com a história. Sua força determina as formações discursivas.

3.1 Discurso e Ideologia

De acordo com Fernandes (2007), o discurso se apresenta como algo exterior à língua, uma vez que se encontra no social, no histórico e no ideológico e é responsável pela produção e efeitos de sentidos. No entanto, mesmo o discurso sendo algo exterior à língua precisa dela para se materializar. Já a ideologia, por se apresentar como inerente ao discurso, ganha uma importância incrível dentro da AD, sendo através dos modos de dizer expostos pelos sujeitos, que se torna perceptível enxergar a ideologia assumida por estes. Segundo Althusser (1970, p. 69) “a ideologia passa a ser o sistema das ideias, das representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social”.

Assim, o discurso se configura como produção de sentidos situada de modo sócio-histórico e ideológico. Portanto, é construído a partir de escolhas e da presença do “outro” que se mostra como indispensável para sua constituição. Já a ideologia se apresenta como o que diferencia a produção dos diferentes discursos. Assim, marca a construção dos diferentes posicionamentos dentro de um mesmo texto. Segundo Orlandi,

A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2007, p. 15).

Para Pêcheux (1975), existe certa dependência entre os conceitos de sujeito, discurso e ideologia, uma vez que não há discurso sem sujeito, e não há este sem ideologia, pois nos constituímos enquanto sujeitos através do nosso discurso, que só é discurso porque é ideológico. O discurso é, assim, responsável por, através da linguagem, revelar as ideologias presentes nos textos. A linguagem, em sua relação com os sujeitos, produzem múltiplos sentidos e o discurso pode ser considerado como efeito de sentidos entre locutores.

De acordo com Orlandi (2007), a noção de leitura é colocada em segundo plano na AD, pois o que aparece como fundamental é a questão do sentido. E estes, pelos quais falamos, não se esgotam na linguagem, mas ultrapassam o linguístico, encontrando espaço na exterioridade.

Na AD todos os gestos de interpretação que compõem os textos ajudam na formação dos sentidos. Ao contrário do pensamento de muitos, não se acredita que há uma única verdade por trás dos textos, mas sim que, com base no contexto de produção, o sujeito responsável pela escrita e pela ideologia vá se delineando em pistas para a construção de sentidos.

Os sentidos também estão na relação de diálogo dos textos com a exterioridade. As palavras ditas por si só não fazem sentido se desprovidas de um contexto discursivo. Quase sempre ao produzir algo não temos consciência de como fomos afetados pela história e pela ideologia do contexto no qual estivemos inseridos. Assim, também não temos controle sobre o que revelamos através da linguagem, no modo como dizemos.

O lugar do qual o sujeito fala é constitutivo do que ele diz. Esse lugar social ocupado pelo sujeito impede que ele fale qualquer coisa em qualquer lugar, já que sua postura é demarcada justamente pelo lugar social o qual ocupa. Nossa sociedade é regida por relações hierárquicas, nas quais o status e o poder ditam comportamentos, modas, respeito e lugar de autoridade. Esta última coloca em evidência o uso da linguagem que, muitas vezes, aparece como um instrumento de exclusão social, a depender do lugar ocupado pelo sujeito.

A ideia de ineditismo, por exemplo, é algo comum nas comunicações. Poucos assumem que nossos discursos são formados a partir do diálogo com vários outros discursos. Podemos dizer que os sentidos nascem dos diálogos presentes no vários discursos. Assim, nunca se dá por encerrado, pois os discursos sempre estão em processo, buscando diálogos com outros discursos para se renovarem como linguagem.

Segundo Fernandes (2007, p. 29) “ideologia é uma concepção de mundo de determinado grupo social em uma circunstância histórica”. A ideologia é, portanto, parte constitutiva do discurso, pois não existe discurso sem ideologia. Assim, tudo que é dito pelos sujeitos em suas comunicações diárias, formais e informais é marcado ideologicamente. Através da linguagem, mas especificamente a partir das nossas escolhas lexicais, deixamos pistas sobre nossas posições ideológicas, das quais nem sempre temos consciência de assumi-las no momento da escrita.

Podemos dizer, então, que as palavras mudam de sentido, de acordo com as posições ideológicas assumidas pelos sujeitos que as utilizam. As palavras não possuem um sentido único, tendo em vista que são carregadas por diferentes sentidos, a partir da posição ideológica explorada pelos interlocutores. Assim, para a Análise do Discurso o sentido não existe em si mesmo.

3.2. O Sujeito Discursivo

Quando falamos em sujeito, na perspectiva da análise do discurso, não estamos nos referindo àquele “eu” individualizado, mas sim ao sujeito social que está inserido dentro de um grupo social, em determinado momento histórico, sendo que é através da linguagem que este sujeito revela seu lugar social. O sujeito discursivo se constitui como heterogêneo, pois o discurso é construído através do entrecruzamento das diferentes vozes sociais, conhecidas por ele, através de seu processo de formação. Assim, dizemos que o discurso se configura como polifônico, pois na sua constituição estão presentes as mais diferentes vozes sociais.

O sujeito discursivo se diferencia do sujeito gramatical porque não diz respeito ao individual, vez que está inserido em uma conjuntura social. Apresenta-se como um sujeito heterogêneo, pois na sua voz ecoam as diferentes vozes dos diferentes sujeitos em questão. Para Fernandes (2007, p. 33), “o sujeito discursivo deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo”. Podemos dizer, assim, que este sujeito só tem existência a partir de um espaço social, no qual ele se inscreve enquanto coletividade.

A voz desse sujeito representa a realidade de um grupo. Assim, na perspectiva da AD, o sujeito discursivo revela, a partir da sua voz as diferentes vozes sociais que compõem o lugar social do qual esse sujeito fala. Assim, o contexto, a partir do qual esse sujeito fala, pode interferir diretamente nas formas do seu dizer, pois “compreender o sujeito discursivo requer compreender quais são as vozes sociais que se fazem presentes na sua voz” (FERNANDES, 2007, p. 35). O espaço social no qual esse sujeito se inscreve deixa pistas de quais situações ele vivencia, bem como de sua inscrição na história e de suas formações ideológicas na composição do seu dizer. Portanto, todos esses elementos comungam para a constituição da inscrição desse sujeito enquanto sujeito discursivo.

Esse sujeito também é polifônico, pois na sua voz estão integradas as diferentes vozes que compõem o discurso de um único sujeito. Sua inscrição, enquanto materialidade para o discurso, se inscreve a partir do pensamento de uma coletividade. O discurso desse sujeito é, portanto, resultado do contato com as diferentes instâncias sociais.

“O sujeito tem a ilusão de ser, o centro de seu dizer, pensa exercer o controle dos sentidos do que fala, mas desconhece que a exterioridade está no interior do sujeito, em seu discurso está o “outro”, compreendido como exterioridade social” (FERNANDES, 2007, p. 41). Este fato coloca em evidência que nos constituímos enquanto sujeitos a partir do diálogo que travamos com o outro, nas nossas vivências sociais. Assim, nos mostra o quanto há do outro em nós, e como os elementos exteriores ao sujeito influenciam na sua formação ideológica para construção do discurso.

3.3. Formação Discursiva

O conceito de formação discursiva surge com Foucault, e só mais tarde passa a ganhar novos contornos nos estudos de Pêcheux, em *Semântica e Discurso – Uma crítica à afirmação do óbvio* (1975). A formação discursiva diz respeito a um acontecimento que se realiza em uma determinada época. E o espaço social de sua realização acontece a partir de condições de produção historicamente definidas.

Assim, é responsável por definir “o que pode ou não pode ser dito” por determinado sujeito em determinado espaço social. “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2007, p. 43). Portanto, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológicos daqueles que a empregam.

Podemos afirmar, portanto, que não temos total liberdade no que dizemos já que obedecemos a ordens que dizem respeito às regras de comunicação. Assim, as palavras não têm sentido próprio, mas passam a significar a partir das nossas formações discursivas. Esses diferentes sentidos carregados pelas palavras não permanecem intactos durante todos os momentos da história, pois se renovam a partir da forma como são utilizadas pelos sujeitos em questão. As palavras têm o poder de mudar de sentido, a partir do posicionamento

assumido pelos sujeitos que as empregam. Como vemos em Fernandes (2007, p. 58-59):

Uma forma discursiva não se limita a uma época apenas; em seu interior, encontramos elementos que tiveram existência em diferentes espaços sociais, em outros momentos históricos, mas que se fazem presentes sob novas condições de produção, integrando novo contexto histórico, e, conseqüentemente, possibilitando outros efeitos de sentido.

A noção de formação discursiva nos permite compreender que as palavras fazem sentido pelas posições ideológicas em questão. Por isso, os sentidos são sempre determinados pelo ideológico que é exterior a língua. Segundo Orlandi (2007, p. 44), “as palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes”. Por isso que uma mesma palavra pode estabelecer vários sentidos em um mesmo enunciado, já que as condições de produção determinam o tipo de relação a ser estabelecida em dado contexto. Assim, a formação discursiva interfere diretamente na determinação dos sentidos das palavras.

A posição social do qual o sujeito fala determina seu modo de dizer, e nessas distintas posições de sujeito, assumimos também diferentes identidades que nos fazem nos posicionar de acordo com o que é conveniente a cada situação discursiva.

Segundo Mussalim (2006, p. 119), “o espaço de uma FD é atravessado pelo pré-construído, ou seja, por discursos que vieram de outro lugar (de uma construção anterior e exterior) e que são incorporados por ela numa relação de confronto ou aliança”. A formação discursiva é a responsável por articular o discurso e a ideologia. Assim, podemos dizer que os discursos são retomados historicamente pelos sujeitos em função de suas necessidades. Uma formação discursiva é definida pela sua relação como o outro, e é justamente pela presença deste que se dá sua heterogeneidade. A FD pode ser considerada, portanto, como um espaço de troca entre os diferentes discursos.

3.4. As Condições de Produção e os Aparelhos Ideológicos do Estado

Em seu livro *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado* (1974), Louis Althusser faz uma leitura da teoria marxista e defende que a estrutura da sociedade é constituída por uma infraestrutura e uma superestrutura, de modo que naquela estaria concentrada a base econômica, enquanto a superestrutura seria responsável pelas instâncias político-jurídicas e ideológicas que compõem a sociedade.

Para o autor, a infraestrutura é responsável por determinar a superestrutura. Assim, as instâncias sociais como educação, religião, leis, são regidas pela base econômica que se configura como grande domínio de poder da sociedade. Através dessa base econômica ocorre a reprodução e possível perpetuação da ideologia dominante:

Retomando a teoria marxista de Estado, o autor afirma que o que tradicionalmente se chama de Estado é um aparelho repressivo do Estado (ARE), que funciona “pela violência” e cuja ação é complementada por instituições – a escola, a religião, por exemplo -, que funcionam “pela ideologia” e são denominadas aparelhos ideológicos de Estado (AIE) (MUSSALIM, 2006, p. 104).

Assim, podemos dizer que a base econômica é a grande responsável por determinar todo o funcionamento das principais instâncias sociais. E a ideologia nada mais é do que a reprodução dessa base. Segundo Althusser (1974, p. 9), “a condição última da produção é, portanto, a reprodução das condições da produção”. Assim, a ideologia fica condicionada a transmitir essa base econômica que a sustenta. Na obra *Eu Marcharei na tua luta: a vida de Elizabeth Teixeira* (2012), as lutas dos camponeses foram esmagadas pelo domínio do Estado, que representa a infraestrutura. Fica visível, portanto, que o poder econômico sempre se configura como o detentor que rege as leis sociais, e coloca na ilegalidade tudo aquilo que se mostra contrário à ordem imposta pelo seu domínio.

Enunciando este facto numa linguagem mais científica, diremos que a reprodução da força de trabalho exige não só uma reprodução da qualificação desta, mas ao mesmo tempo, uma reprodução da submissão desta às regras da ordem estabelecida, isto é, uma reprodução da submissão desta à ideologia dominante para os operários e uma reprodução da capacidade para manejar bem a ideologia dominante para os agentes da exploração e da repressão, a fim de que possam assegurar também, pela palavra, a dominação da classe dominante (ALTHUSSER, 1974, p. 21-22).

O sistema de trabalho imposto pelos latifundiários aos camponeses, no momento

anterior à introdução da Liga Camponesa representa muito bem as ideias de Althusser (1974), tendo em vista que o cambão, sistema de trabalho no qual os proprietários de terra submetiam os camponeses, impõe a reprodução da submissão. A ideologia dominante ensinava para os camponeses que eles não tinham nenhum tipo de direito trabalhista, por isso deviam obediência ao seu patrão. “Ninguém, naquele tempo, falava em direitos. João Pedro foi a primeira pessoa que veio trazendo conhecimento desses direitos para o homem do campo” (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 120-121). Apenas com a introdução da Liga Camponesa começou-se a questionar essa regra estabelecida pelos seus opressores.

“Não era fácil para João Pedro porque o homem do campo acreditava que tinha nascido para sobreviver sendo escravo do patrão. Então, para colocar na cabeça dele que ele não era escravo, que ele morava ali, que trabalhava ali e que tinha os seus direitos, não foi fácil” (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 67).

No entanto, percebemos que essa não foi uma tarefa fácil, visto que a repressão que se dá através das regras estabelecidas pela ideologia dominante, não são fáceis de serem esquecidas pelos grupos oprimidos. Segundo Mussalim (2006), a teoria da AD, desde a sua origem sempre esteve envolvida nos debates em torno do marxismo, uma vez que partilhava das convicções sobre a luta de classes, a história e o movimento social. A Análise do Discurso, assim, une seus objetivos políticos a uma forma de materializar essa abordagem, que acontece através da Linguística, responsável pela materialidade desse objeto de estudo.

É importante ressaltar que se o contexto social, no qual o discurso foi produzido, for ignorado, todos os sentidos do texto serão alterados, já que as condições de produção serão outras. As condições de produção são justamente as condições sociais e históricas que permitem que o discurso seja produzido, gerando determinados efeitos de sentido e não outros, a partir das condições por elas impostas. Assim, são responsáveis por gerar determinados efeitos de sentido e não outros.

Para Mussalim (2006), o contexto histórico-social, constitui parte do sentido do discurso e jamais pode deixar de ser considerado para análise.

Althusser (1970) afirma, como já apontado anteriormente, que a classe dominante, para manter sua dominação, gera mecanismos que perpetuam e reproduzem as condições materiais, ideológicas e políticas de exploração, dentre esses mecanismos, os aparelhos ideológicos de Estado (AIE) (MUSSALIM, 2006, p. 123).

O discurso também se configura como um aparelho ideológico, através do qual o discurso do dominador se reproduz nas várias esferas sociais. Porém, o que se percebe é que não temos consciência dessa reprodução, a não ser quando ocorre o embate dessas forças ideológicas a partir de posições diferenciadas pelos sujeitos.

A base econômica é a grande responsável por ditar as leis, sendo a partir das forças de trabalho que elas reproduzem sua ideologia dominante. Se pensarmos por esse viés, veremos que as ideologias que subjazem as leis, a escola, a família, a igreja são apenas reflexo das ações da infraestrutura que se instaura através das relações de produção nas forças de trabalho. A base econômica, portanto, representa o poder e, com elas, os poderosos. A perpetuação de tal poder se dá através da reprodução de modelos que controlam a população.

Precisamos entender que, se os latifundiários sempre abusaram da autoridade por eles exercida, é porque de alguma forma eles tinham o apoio de uma instância superior a eles, o Estado. Elizabeth Teixeira em nenhum momento da obra fala que o Estado tentou intervir a favor dos camponeses durante as agressões que os trabalhadores sofriam por seus patrões. Mas, ao contrário, quando o Estado viu que seu sistema de governo corria riscos, tratou de intervir através da força. É importante destacar que essas agressões contra os camponeses não eram feitas às escondidas, mas para que todos vissem e tomassem como exemplo: “A violência, no campo, crescia. Os latifundiários se armando, contratando capanga para botar fim à vida dos trabalhadores. E isso não era escondido não! Eles anunciavam que ia dar fim a tal e tal liderança, a tal e tal trabalhador” (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 100).

O Estado, repressivamente, via na atuação da Liga Camponesa uma ameaça para a continuação do seu poder. Fez com que a Igreja, um dos importantes Aparelhos Ideológicos de Estado, visse a Liga Camponesa como força do mal para a sociedade. Assim, Estado, Polícia e Igreja estavam todos prontos a perseguir os integrantes da Liga Camponesa. “Naquele tempo, a gente foi muito perseguido pela Igreja. A gente achava isso terrível. A Igreja nos combatendo e nos acusando de comunistas. Os sindicatos que eram fundados, na região, eram com o objetivo de combater as Ligas” (BANDEIRA, MIELE e BANDEIRA, 2012, p. 116).

A Liga passou então a ser vista como um mal que se espalhava, colocando em risco o fim da força do Estado, já que tinha influência das ideologias marxistas que viam no Estado o inimigo responsável por oprimir a classe trabalhadora.

[...] o Estado (e a sua existência no seu aparelho) só tem sentido em função do poder de Estado. Toda a luta de classes políticas gira em torno do Estado. Quer dizer: em torno da detenção, isto é, da tomada e da conservação do poder de Estado, por uma certa classe, ou por uma aliança de classes ou de fracções de classes (ALTHUSSER, 1974, p. 36-37).

Por isso, o medo do Estado no rápido crescimento da Liga Camponesa. Por isso, o golpe de 1964, as prisões, as agressões, as torturas, os assassinatos, pois os movimentos sociais sempre surgem em oposição aos interesses do Estado. Althusser (1974) classifica o Estado como uma “máquina de repressão” e defende que este funciona por meio da violência, pois sempre usa de sua força para manter a ordem.

[...] na teoria marxista, o Aparelho de Estado (AE) compreende: o governo, a administração, o Exército, a Polícia, os Tribunais, as Prisões, etc., que constituem aquilo a que chamaremos a partir de agora o Aparelho Repressivo de Estado (ALTHUSSER, 1974, p. 43).

A polícia atuou como uma grande repressora para dispersar a Liga Camponesa que, segundo Bandeira, Miele e Silveira (2012, p 115) “foi a maior da Paraíba e do Nordeste”.

Há uma outra coisa, depois do assassinato de João Pedro, a situação no campo ficou pior, a repressão aumentou, os proprietários ficaram doidos porque o número de associados na Liga cresceu muito, tanto que colocaram um coronel dentro de Sapé, coronel Luiz de Barros, com um contingente de polícias para bater em camponês, para massacrar camponês, mesmo antes do Golpe Militar. Foi até construído um quartel de polícia lá em Sapé (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 121).

O Estado, portanto, trabalha através da repressão. Tal constatação é a prova viva da força exercida pela polícia contra os camponeses. Fica evidente que, mesmo antes do Golpe Militar, a violência no campo já era grande. A Liga ganhou grande força com a participação do homem do campo, que passou a exigir dos latifundiários seus direitos pelo trabalho prestado na terra. “Quando João Pedro morreu, tinha sete mil e poucos associados, dois anos depois, já eram mais de dezesseis mil. Isso fez medo aos latifundiários o tiro saiu pela culatra. Mas o medo era também dos políticos, por isso eles deram o Golpe de 64” (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 115).

Num primeiro momento, a Liga Camponesa de Sapé - PB foi vista apenas como um amontoado de trabalhadores, que poderiam ser esmagados pela força dos latifundiários. No entanto, a repressão não resolveu o problema. Assim, o assassinato de João Pedro Teixeira foi

planejado pelos latifundiários e cumprido pela polícia, que obedecia às ordens de quem mantinha o poder. De acordo com Bandeira, Miele e Silveira (2012, p. 121) “A polícia agia a mando dos latifundiários, do grupo da Várzea, que era liderado por Agnaldo Veloso Borges”. Porém, o que não era esperado é que após a morte de Pedro Teixeira o Movimento crescesse tanto, a ponto de os trabalhadores não mais se intimidarem com a força dos poderosos.

3.5. Memória

A memória aparece na obra como símbolo de resistência, tendo em vista que resgata, através de lembranças, toda uma trajetória de luta social. A ditadura militar impôs o regime do silêncio, as torturas cometidas nesta época talvez tivessem a intenção de provocar o esquecimento. Segundo Orlandi (2007, p.59), “falando de história e de política, não há como não considerar o fato de que a memória é feita de esquecimentos, de silêncios. De sentidos não ditos, de sentidos a não dizer, de silêncios e de silenciamento”.

Para Elizabeth Teixeira, a ditadura representou um grande retrocesso na luta dos trabalhadores do campo. Quando a autora fala desse momento político do Brasil, ela nos faz lembrar tudo que a ditadura resgata enquanto movimento de repressão.

Depois do golpe militar de 64, a repressão, no campo, foi muito dura. Eles cascavilhavam as casas dos camponeses antes da carteirinha da Liga. Quem tivesse a carteira de associado na Liga era preso, era torturado, eles ameaçavam de matar o trabalhador no pau. O medo se espalhou. Quem tinha a carteira tratava logo de dar fim a ela (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 186).

A carteirinha era a comprovação da participação na Liga Camponesa. Percebemos, portanto, que a perseguição aos camponeses pode se configurar como uma imposição do silêncio por parte do Estado, uma vez que o medo fez com que os trabalhadores ficassem silenciados e negasse sua ideologia de luta através do fim que era dado a essas carteirinhas. Isso acontecia justamente para que estes não fossem denunciados como participantes da Liga Camponesa.

De acordo com Orlandi (2007, p. 64), “a memória - o interdiscurso, como definimos na Análise de Discurso - é o saber discursivo que faz com que, ao falarmos, nossas palavras façam sentido. Ela se constitui pelo já-dito que possibilita todo o dizer”. Assim, o discurso de

Elizabeth Teixeira é constituído a partir do que já foi dito na história, constituindo-se como discurso através de outros modos de dizer, recuperados através da memória discursiva.

Na obra, Elizabeth Teixeira tenta preencher espaços de silêncio, de ocultamento que houve durante a ditadura. E quando ela fala de determinados assuntos, como da polícia e da marginalização dos nordestinos nas favelas nas grandes cidades, este fato ganha uma significação construída historicamente em nosso país.

Com o fim das Ligas Camponesas, com a repressão fazendo miséria com o trabalhador, com a polícia dando cobertura aos proprietários, o latifúndio não tinha mais nada a temer. Aí a expulsão do homem do campo foi em massa, o capim e a cana tomaram conta do campo e os trabalhadores não tiveram outra solução senão a de tentar sobreviver nas cidades, nas favelas ou nas pontas de ruas (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 186).

Nesta citação Elizabeth Teixeira resgata toda uma memória em torno da vida dos trabalhadores do campo. Mostra exatamente como a situação da Reforma Agrária nunca foi resolvida no país. E principalmente o quanto estes trabalhadores se tornaram reféns dos grandes proprietários de terra. Se pensarmos historicamente a terra faz parte da identidade desses sujeitos e negar a estes o direito de viver na terra e também alterar essa identidade. A autora nos remete justamente ao destino destes trabalhadores que sem ter prá onde irem foram encontrar refúgio nas grandes cidades.

4 - UMA ANÁLISE DO DISCURSO POLÍTICO DE ELIZABETH TEIXEIRA

Este trabalho tem como *corpus* o livro *Eu marcharei na tua luta: a vida de Elizabeth Teixeira* (2012), obra que discute a introdução das ideias sobre reforma agrária no país, bem como sua importância no cenário nacional. Apresenta-se como importante objeto de estudo, por trazer como narradora uma voz feminina que vivenciou de perto a introdução e o desenvolvimento desse movimento social vez que era esposa do mentor das Ligas Camponesas e que, após a sua morte, foi a responsável por dar continuidade ao movimento.

A obra traz para discussão dois momentos distintos na vida da mulher Elizabeth

Teixeira. Nestes, o discurso da autora muda diante das novas possibilidades impostas pela vida. No momento anterior à morte de Pedro Teixeira, seu discurso é o de uma simples dona de casa, dedicada ao esposo e aos filhos; já num momento posterior à morte do marido, Elizabeth Teixeira aparece como uma revolucionária à frente das Ligas Camponesas.

O momento no qual surge a Liga Camponesa de Sapé - PB é centralizado por discussões em torno do Marxismo e pelo período de guerra. Ao se inscrever nesse espaço social a Liga Camponesa coloca em evidência várias situações sociais que passam a ser conhecidas a partir da memória da narradora. Falar de temas como: agricultura, latifundiários, política, papel da mulher na sociedade é rememorar um passado não tão distante, mas que só é herdado por nós graças à memória de Elizabeth Teixeira. Seu papel social como mulher militante coloca em evidência a abertura de um novo espaço para a mulher na sociedade, tendo em vista que esse lugar de liderança não era algo comum às mulheres nesse contexto social.

4.1. O Lugar Social das Mulheres no Contexto das Ligas Camponesas

Elizabeth Teixeira nasceu no dia 13 de Fevereiro de 1925, na cidade de Sapé - PB. Em suas origens era de uma família de proprietários de terra. Sua mãe, Altina Maria da Costa, vinha de uma família de latifundiários; e o pai, Manoel Justino da Costa, era de uma família de pequenos proprietários de terra. Portanto, Elizabeth Teixeira, como boa filha, deveria perpetuar esse pensamento de dominador, para sua posterior descendência.

Foi a primeira de uma família de nove filhos. No entanto, nasceu menina quando o pai esperava a vinda de um filho homem, para orgulho masculino. Nesse contexto histórico a alegria de um homem se traduzia na vinda de um filho macho:

O segundo filho foi homem e para ele foi toda a alegria da vida. Como ele ficou satisfeito com esse filho homem! Quando nascia um filho homem, ele usava foguetões. Quando diziam: “É homem!” poucos minutos depois, ouviam-se os tiros dos fogos. Mas se diziam que era mulher, não havia fogos, não havia nada. Meu pai gostava mais do meu irmão do que de mim (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 23).

A diferença de valor entre homem e mulher tem lugar antigo na história. A mulher ao ficar grávida sempre teve essa responsabilidade, dar um filho ao marido. Se pensarmos na vigência da monarquia, quantas mulheres sofreram por não terem podido gerar um filho ou por só dar a luz a filhas mulheres? Um filho homem representava um orgulho para o pai diante da sociedade, enquanto uma mulher era vista numa posição subalterna, já que não lhe daria prestígio social.

Ao longo da obra, Elizabeth Teixeira assume várias identidades: mulher, mãe, esposa e militante. Muitas vezes ela precisou deixar de lado sua vida pessoal para lutar por pessoas que clamavam por justiça. Anula-se para sobreviver, perde sua identidade para continuar viva, ocupa espaços antes frequentados apenas pelo domínio masculino, além de ser criticada por não assumir o comportamento que a sociedade da época ditava para as mulheres.

Essas identidades vão sendo construídas a partir dos lugares sociais ocupados por ela no momento da enunciação. Podemos dizer que as transformações sociais, o contato com novas ideologias e o embate entre posições ideológicas contrárias foram responsáveis pela constituição de Elizabeth Teixeira como sujeito. Para a Análise do Discurso o sujeito constrói sua identidade a partir da interação com o outro. Segundo Fernandes (2007) o Outro é parte constitutiva do sujeito, pois “a exterioridade está no interior do sujeito”, mesmo que não tenhamos consciência disso.

A noção de identidade vem tomando novos rumos na pós-modernidade assumindo bastante importância na área das ciências sociais. Entende-se como identidade o conjunto de elementos capazes de identificar determinado indivíduo na sociedade. A visão que tínhamos de identidade, no entanto, está sendo modificada pelas várias transformações causadas na era da globalização, em que o mundo parece ter ficado pequeno diante das novidades que surgem a cada dia.

As mudanças culturais e sociais advindas da pós-modernidade foram responsáveis por propiciar novos espaços sociais para os sujeitos exigindo desses, novos posicionamentos frente aos lugares por eles ocupados. O conceito de identidade ganha força diante desse novo contexto social em que se tornam propícias essas transformações nas identidades dos sujeitos. A identidade é uma construção social, tendo em vista que é através dos processos históricos que se torna possível se verem as mudanças instauradas nas identidades dos sujeitos.

Durante muito tempo, acreditou-se que os seres humanos se constituíam como sujeitos centrados com uma identidade unificada, homogênea. Porém, com o acesso as várias culturas

houve a mistura das várias identidades e como consequência a fragmentação do sujeito pós-moderno.

Stuart Hall, grande estudioso da Sociologia, em seu livro “A identidade Cultural da Pós-Modernidade” (2011), traz uma grande contribuição para esse campo de estudo assumindo um posicionamento a favor de uma crise de identidade que se instaurou a partir das grandes transformações sofridas nas estruturas da sociedade na era pós-moderna.

Assim, percebemos que Elizabeth Teixeira ao assumir esse papel de militante, líder da Liga Camponesa, subverte o modelo existente, uma vez que foge do padrão construído historicamente pelos líderes desses movimentos. Nas histórias sobre pessoas revolucionárias ou membros de movimentos sociais sempre aparece como modelo um sujeito do sexo masculino, solteiro e sem família, negando às mulheres esses lugares de liderança, muito incomuns às mulheres nos documentos da história oficial.

Pensar esse espaço de ruptura através da figura de Elizabeth Teixeira é considerar as difíceis etapas pelas quais ela passou ao longo dessa trajetória de luta. No século XIX, as mulheres não tinham um espaço na sociedade fora do ambiente familiar. Seu domínio restringia-se, portanto, ao espaço doméstico. Assim, uma mulher conseguir burlar esse poderio masculino e demonstrar sua coragem nesse espaço social é reivindicar um novo lugar para a mulher na sociedade, mesmo que ela não tivesse consciência disso.

Para análise do Discurso o sentido é parte constitutiva do contexto histórico-social. Assim, para entendermos o discurso de Elizabeth Teixeira é importante considerarmos as condições nas quais o texto foi produzido. Considerando o momento histórico no qual a ditadura militar acontece torna possível perceber o silenciamento da narradora, tendo em vista que este contexto propiciou muitas mortes e prisões, justamente para obter esse silenciamento da sociedade, através do autoritarismo instalado pelo Estado.

O despertar de Elizabeth Teixeira para a luta acontece num momento de dor, e é aí em que ela diz sim, justamente quando prevalece o silêncio de Pedro Teixeira diante da luta. No entanto, parece bastante contraditório só ouvir a voz de uma mulher quando a de um homem se cala. O que ocorre é justamente uma inversão: na voz desses dois personagens, todo tempo de vida João Pedro Teixeira gritou, lutou por melhoras na vida do homem do campo, mas é no momento em que ele se cala que o grito de Elizabeth Teixeira ecoa sobre as Ligas Camponesas.

Esse silenciamento feminino é histórico e podemos comprová-lo nos vários domínios

sociais como: política, literatura, ciência, história. Durante um longo período da história a mulher foi representada a partir do olhar masculino. Ainda hoje, no século XXI, procura-se desconstruir essa visão deturpada e estereotipada que se criou das mulheres ao longo dos anos. O silêncio diz muito, mas no caso das mulheres, só fez ocultar traços de sua personalidade e de sua capacidade de se expressar diante das adversidades. Assim, ainda hoje, percebemos resquícios do pensamento patriarcal nas atitudes das mulheres e nos posicionamentos assumidos por elas, isso graças a uma educação que parece se perpetuar entre o universo feminino.

Quase a totalidade das mulheres brasileiras, no final do século XIX eram analfabetas, sendo difícil seu acesso a textos escritos característicos desta época. São encontrados em sua maioria, apenas discursos patriarcais e referenciais ao papel da mulher na sociedade (GOTLIB, 2000, p. 102-107).

Neste contexto a educação não era considerada um bem acessível às mulheres. Poucas conseguiam ir à escola. As que conseguiam, após aprenderem a ler, eram obrigadas a deixar a escola. As mulheres eram educadas para o casamento. Assim, a educação era doméstica, ou seja, aprendida em casa através da figura materna. Uma herança cultural que passava de mãe para filha. Portanto, não havia necessidade de ir à escola para aprender a ser mãe e esposa. Durante décadas as mulheres ficaram alheias a uma boa educação. Assim, no Brasil apenas “A partir de 1987 fica assegurado o estudo elementar as mulheres, embora o ensino propiciado fosse precário. Até meados do século XIX a mulher permanece isolada do ambiente cultural, diferentemente da maioria dos homens” (GOTLIB, 2000, p. 105).

Elizabeth Teixeira, no entanto, sempre teve vontade de estudar, tinha paixão pelo saber. Percebemos na seguinte passagem na fala da sua mãe: “– Elizabeth teve tanta vontade de estudar, até chorou quando tiramos ela da escola, mas eu nada pude fazer por ela, porque palavra de mulher não vale, eu nada pude fazer.” (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 28). Neste contexto social, a mulher não tinha autoridade para se posicionar ou tomar decisões, mas apenas obedecer às ordens do marido. Por isso, sua mãe não teve como intervir na decisão de mantê-la na escola. “Minha filha, eu não posso, você sabe, eu sou dominada pelo seu pai, quando ele diz uma coisa é o que ele diz!” (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 34).

Percebemos, portanto, um espaço de dominação que era vigente pelo patriarcado, no qual a soberania estava na figura masculina que detinha o poder sobre as mulheres. Assim,

através das instituições sociais, ainda hoje temos uma educação que privilegia a figura masculina como detentora de uma liberdade que é negada as mulheres:

Ora, longe de afirmar que as estruturas de dominação são a-históricas, eu tentarei, pelo contrário, comprovar que elas são produto de um trabalho incessante (e, com tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como violência física e a violência simbólica) e instituições, famílias, igreja, Escola, estado (BOURDIEU, 2010, p. 46).

Por isso, as mulheres passaram tanto tempo silenciadas. E as que se rebelavam contra o poderio masculino sofriam as consequências posteriormente por seus atos. Elizabeth Teixeira foi uma mulher altamente subversiva, pois ousou romper com a tradição patriarcal ao casar com um homem, mesmo contra a vontade do pai e ao atuar como militante num espaço conduzido quase que exclusivamente por homens: “Quantas vezes me agrediram com palavras, que eu era uma mulher que não tinha vergonha, que deixava os filhos em casa e saía comandando um grupo de homens” (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 112).

Essa postura de Elizabeth Teixeira não poderia jamais ser assumida por uma mulher até o século XIX, pois os papéis de homens e mulheres eram bem ditados pela sociedade, a partir, é claro, dos padrões da sociedade burguesa. Fugir dessa ordem para uma mulher era, portanto, ser condenada pela moral sexual dessa sociedade:

Durante muitos séculos a mulher foi valorizada, não pelas propriedades da alma, mas sim, pelas virtudes femininas que exigia a moral burguesa da propriedade: a pureza, a virtude sexual, não haveria perdão para a mulher que pecasse segundo o código da moralidade sexual (KOLONTAI, 2007, p. 115).

Esse novo despertar para a luta colocou em conflito as diferentes identidades assumidas por Elizabeth Teixeira. Porém, essa não foi a primeira quebra de padrão assumido por ela. Sua primeira ruptura foi ter se casado com um homem negro e pobre, indo de encontro às ordens do seu pai. Numa época em que a mulher devia obediência à figura masculina, representada pelo pai, Elizabeth Teixeira ousou e desobedeceu, para viver ao lado de um homem que mal conhecia: “João Pedro me pediu em casamento a meu pai, mas meu pai não deu. Falou para mim que não fazia o casamento e estava achando até que eu estava louca em querer casar com um homem que não tinha condições, que era pobre e negro” (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 39).

Através de uma conversa entre Elizabeth Teixeira e um dos seus primos fica evidente o quanto a Liga Camponesa era vista como uma ameaça para os grandes proprietários de terra. Esses sempre associaram as ações do Movimento aos atos do Comunismo. Assim, os dois movimentos sociais sempre foram muito temidos pelos latifundiários. Alguns inclusive acreditavam que se a Liga Camponesa não fosse eliminada os proprietários perderiam suas terras para os camponeses. Esse diálogo está presente na seguinte citação:

Conversando com ele uma vez, ele falou para mim que reconhecia que eu era uma liderança sindical, mas ele não podia negar as origens dele, de que eu era prima, mas que ele não queria me ver de jeito nenhum, porque ele me considerava uma mulher terrorista, comunista e com essa gente ele não queria o mínimo de contato (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 28).

A citação retrata a visão negativa atribuída ao comunismo desde as suas origens. E remete-nos à história que é responsável por carregar os sentidos que as palavras exprimem ao longo do tempo. Quando assumimos um modo de dizer, e não outro há uma ideologia por trás, porque escolhemos um discurso e não outro. Observamos que ao falar em comunismo o que é revelado são os sentidos construídos historicamente pela palavra e não sua significação. Na seguinte citação Pedro Teixeira revela sua visão sobre o que seria o Comunismo: “E o Partido Comunista é um partido de luta operária, lutamos para que, um dia, a gente tenha melhores condições neste país; o operário, o estudante, o homem do campo...” (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 78). Por isso, a aversão do primo de Elizabeth Teixeira ao Comunismo, pois esse sistema visava beneficiar a classe operária e não os que já estavam no poder. A ideologia comunista ia justamente de encontro ao que os proprietários de terra pregavam.

Para Elizabeth Teixeira, essa palavra possuía uma boa conotação, tendo em vista que fazia parte da sua vivência enquanto militante. No entanto, seu primo, um homem de poder, via na palavra *comunismo* uma ameaça, que ganhava um sentido negativo diante de tudo que representava. O comunismo representava para o primo de Elizabeth Teixeira uma ameaça que colocava em perigo a queda do capitalismo, sistema econômico do qual ele fazia parte.

Percebemos que os sentidos são produzidos diante dos lugares ocupados pelos sujeitos. “Assim, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológicos daqueles que a empregam” (FERNANDES, 2007, p. 21). Portanto, os sentidos das palavras não podem ser considerados fixos, tendo em vista que mudam de acordo com os lugares socioideológicos ocupados pelos sujeitos. E esses sentidos são construídos

historicamente em função das suas condições de produção.

4.2 O Discurso de Elizabeth Teixeira no momento anterior à morte de Pedro Teixeira

No momento anterior à morte do marido, Elizabeth Teixeira atuava como esposa e dona de casa. Era alheia à participação na Liga Camponesa. Nos anos de vida de Pedro Teixeira sempre esteve ao seu lado, porém seu papel de esposa e mãe sempre foi colocado em primeiro lugar. Percebemos certa indiferença a questões políticas por parte de Elizabeth Teixeira.

Nesses anos todos que a gente morou em Recife, eu não participava em nada da luta dele. Eu ficava em casa, cuidando da arrumação, cuidando dos filhos. Eles faziam muitas reuniões lá em casa. Vi muitos companheiros que chegavam, que se reuniam com João Pedro, que debatiam. Eu nem sequer ficava ali por perto, nem me sentava na mesa com eles. Eu ficava no quarto balançando a rede dos meus filhos, botando eles para dormir (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 56).

No discurso da narradora é revelado o espaço social do qual ela fala, o ambiente doméstico. Neste contexto ela assume a identidade de esposa, descrevendo suas principais atribuições: cuidar da arrumação da casa e dos filhos. Percebemos, portanto, um modelo feminino que foi construído historicamente para as mulheres, com a intenção de comprovar que seu lugar restringia-se ao espaço doméstico, negando-lhes todos os lugares sociais que se diziam exteriores ao espaço doméstico:

As mulheres, pelo contrário, estando situadas do lado úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, vêm ser-lhes atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos, como o cuidado das crianças e dos animais, bem como todos os trabalhos exteriores que lhes são destinados pela razão mítica, isto é, os que levam a lidar com a água, a erva, o verde (como arrancar as ervas daninhas ou fazer a jardinagem), com o leite, com a madeira e, sobretudo, os mais sujos, os mais monótonos e mais humildes (BOURDIEU, 2010, p. 41).

Foi uma tarefa fácil para o domínio do patriarcado manter a mulher presa ao espaço doméstico, uma vez que até o final do século XIX, a maioria das mulheres não tinha acesso à educação. Assim, no discurso da narradora temos um pensamento, condizente com a educação das mulheres nesse contexto social.

A formação discursiva instaurada na obra permite-nos compreender o discurso da narradora a partir do lugar social do qual ela faz parte. Segundo Orlandi (2007), a posição social da qual o sujeito fala revela sua posição ideológica. Por isso, ela assume esse discurso familiar, que coloca a mulher como a grande responsável pelo cuidado do espaço interno da casa.

Nesse contexto social, marcadamente patriarcal, Elizabeth Teixeira assume a ideologia dominante, de que as mulheres nasceram para serem mães e esposas, e a isso se resumia sua existência. No período de vida de seu marido Elizabeth Teixeira dedicava-se apenas às obrigações domésticas e ao cuidado dos filhos. E mesmo as reuniões acontecendo na sua casa ela não participava, permanecendo alheia às discussões políticas do país e as péssimas condições de trabalho dos camponeses.

Ele nunca me disse: “Você tem que ser do Partido”. Nesse tempo, eu não ligava para a política, nem sequer título de eleitor eu tinha. Eu não queria entender de política para não ter que votar em ninguém. Eu dizia: “Eu não sou funcionária, eu não tenho nenhum emprego, eu não estou me incomodando com isso não”. Vim tirar o título de eleitor depois da morte dele. Eu era uma pessoa desacreditada da política. Às vezes, os companheiros chegavam e eu ficava por ali. Mesmo que os meninos estivessem dormindo, ou quando era durante o dia, quando eles estavam brincando, eu não ligava para participar das reuniões, não procurava saber das coisas (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2011, p. 79-80).

Na narrativa, fica claro o posicionamento de Elizabeth Teixeira sobre a política: “Eu não ligava para política”, “eu não queria entender de política”, “eu não estou me incomodando com isso não”, “eu era uma pessoa desacreditada da política”, “eu não ligava para participar das reuniões”, “não procurava saber das coisas”. Quantas negativas quando o assunto era política, mas de onde será que vem essa sua aversão à palavra política? Podemos dizer que vindo de uma família que não passava por necessidades essenciais ao ser humano, a Elizabeth Teixeira não tinha muito com o que se preocupar. Ter um pai que não permitiu que ela estudasse também contribuiu para esse pensamento. E por fim, vemos a reprodução do discurso do seu pai de que não queria vê-la envolvida nesse tipo de Movimento Social.

Percebemos, portanto, que nosso discurso é formado no diálogo com o Outro, que se revela em nós quando nem temos consciência de sua presença. Nesse momento percebemos uma Elizabeth Teixeira ainda muito ligada à educação que teve do seu pai. Segundo Mussalim (2006, p. 107) “O inconsciente é o lugar desconhecido, estranho de onde emana o discurso do

pai, da família, da lei, enfim, do Outro e em relação ao qual o sujeito se define e ganha identidade”. Assim, podemos dizer que o discurso do Outro sempre aparece na voz de Elizabeth Teixeira, mesmo que de forma inconsciente, uma vez que quase sempre não temos consciência dessas interferências no nosso discurso.

A vida ao lado de um homem revolucionário como Pedro Teixeira, no entanto, não foi fácil, tendo em vista que ao longo dos anos os dois construíram uma família grande. E Elizabeth sozinha já não conseguia dar conta de tantas responsabilidades. “– João Pedro, vamos embora da Paraíba, vamos embora pro Sul do país. Nós temos 11 filhos para criar e precisamos olhar para eles, não podemos deixar nossos filhos abandonados; se te matam, o que é que vou fazer com nossos filhos?” (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 74).

A família neste momento aparece em primeiro lugar no discurso de Elizabeth Teixeira. Era algo comum no século XIX as mulheres terem muitos filhos, mesmo aquelas que não tinham boas condições financeiras para sustentá-los. Esse universo marcadamente patriarcal ensinava que as mulheres nasceram para serem mães. Por isso, nesse momento anterior à morte de Pedro Teixeira, percebemos que as preocupações de Elizabeth Teixeira estão sempre centradas no universo doméstico: casa, filhos e marido.

Elizabeth Teixeira sentia falta de uma vida comum, como as outras pessoas, passar mais tempo como o marido e desfrutar da sua companhia. Mas Pedro Teixeira era um homem dedicado, que não descansava nem nos finais de semana, pois todo tempo era precioso e dedicado a sua luta em favor dos camponeses:

– Olhe, seria bom que a gente almoçasse em casa nos domingos, deitasse um pouco para descansar ao menos no domingo. Ele virou-se para mim e disse: – A luta é muito difícil, companheira. Sei que vou tombar. Você continua essa minha luta? (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 74).

Elizabeth, porém, nunca respondia que continuaria sua luta. Seus pensamentos não estavam voltados para a política. A todo o momento ela afirmava não ter conhecimento sobre os assuntos que envolviam questões política. Até o título de eleitor, que era um documento valioso para os cidadãos, Elizabeth não fazia questão de ter. É como se ela não quisesse existir para a política, por isso anulava-se para todas as questões que envolviam esse tema. Segundo Bandeira, Miele e Silveira (2012, p.57) “Em 1950, ele já trabalhava na política, entregando panfleto ao povo. Eu nem sequer votava. Ele até disse assim: – Você não quer tirar o título pra votar? – Não quero não!”. No entanto, em alguns momentos da obra é como que esse discurso

de não conhecimento da política assumido pela narradora fosse uma proteção. Ou seja, até o momento em que se mostrasse ignorante ao movimento, sua família estaria segura, pois já reconhecia que não seria possível conciliar os papéis de mãe e militante:

A primeira vez que votei foi em novembro de 1962, ano em que João Pedro foi assassinado. Eu nunca tinha votado antes. Para a gente que é mãe e dona de casa, é muito difícil pra se entrosar numa luta, só mesmo num momento difícil como foi esse (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 57).

A condição feminina parece ter sido um empecilho para sua introdução no movimento. Ela mesma afirma a dificuldade de conciliar os papéis domésticos com a luta na Liga Camponesa. Assim, parece que a mulher mesmo saindo do espaço interno, da casa, sempre terá como obrigação a ele retornar.

Elizabeth Teixeira, várias vezes ao longo da obra, reafirma que não tem conhecimento sobre política, no entanto aparece como a líder de um movimento e até tenta a carreira política como candidata à Deputada em 1962, ou seja, no seu discurso percebemos a retomada do discurso de Pedro Teixeira, discurso este que muitas vezes ela assume inconscientemente, pois segundo Mussalim (2006, p. 108), “a identidade do sujeito lhe é garantida pelo lugar do Outro, ou seja, por um sistema parental simbólico que determina a posição do sujeito desde a sua aparição”. Assim, a autora defende que como o sujeito define-se através da palavra do Outro, este é um significante do Outro, pois seu discurso se constitui a partir deste.

“Para Lacan, o Outro ocupa uma posição de domínio com relação ao sujeito, é uma ordem anterior e exterior a ele, em relação à qual o sujeito se define, ganha identidade”. MUSSALIM, p. 109). Ainda de acordo com Mussalim (2006), a grande contribuição de Lacan para a AD se encontra na teoria de que o sujeito, que é um conceito bastante importante para AD, vê os textos como resultado de um trabalho ideológico não-consciente.

O sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso (e aqui reconhecemos a propriedade do conceito lacaniano de sujeito para a AD), a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa (MUSSALIM, 2006, p. 110).

Assim, o discurso apresenta-se como uma materialização da ideologia, e o sujeito não pode ser pensado como aquele que tem domínio sobre o que diz e mais ainda sobre seus sentidos. Ao contrário, deve ser pensado como um sujeito que está inserido na história e,

através desta, lhe serão permitidos alguns modos de dizer e não outros.

4.3 O Discurso de Elizabeth Teixeira no momento posterior à morte de Pedro Teixeira

Parece ficar claro que a inserção de Elizabeth Teixeira como militante nas Ligas Camponesas só ocorreu no momento posterior à morte de Pedro Teixeira, seu marido. Com esse acontecimento o discurso da narradora muda de figura. “A minha consciência de luta, a minha dedicação pela luta foi em protesto ao assassinato de João Pedro” (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 88). Assim, ela passa a assumir um novo discurso, no qual a luta pelas minorias passa a ser sua bandeira e objetivo de vida. No seu discurso a narradora revela a ideologia do cotidiano, a qual emana justamente do lugar social ocupado por ela. Esse espaço social ocupado Elizabeth Teixeira permite que ela fale dessa maneira e não de outra, pois no seu discurso está presente o sujeito coletivo. Ela representa, portanto, o grito dos injustiçados que reivindicam justiça no Brasil.

Inserida num momento da história, no qual a mulher não tinha autoridade para falar, Elizabeth Teixeira é aclamada como líder de um movimento que em sua maioria era constituído por pessoas do sexo masculino.

Passado um mês da morte de João Pedro, foi feito um ato público em Sapé. Todos os camponeses concordaram e aprovaram que eu deveria assumir a presidência da Liga Camponesa. Eles gritavam numa só voz: “Elizabeth vai substituir o lugar de João Pedro!” (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 101).

Comparando os discursos de Elizabeth Teixeira em momentos diferentes da sua vida, percebemos que as transformações histórico-sociais vivenciadas pelos sujeitos permitem que eles passem por conflitos internos, fazendo-os romper com seu discurso antigo e assumindo novos discursos a partir dos novos papéis sociais.

As transformações sofridas nas condições sociais manifestam-se nas produções discursivas, sempre marcadas pelo entrecruzamento de discursos e acontecimentos anteriores. Acentua-se, dessa maneira, a fragmentação dos sujeitos, a heterogeneidade constitutiva dos discursos (FERNANDES, 2007, p. 44).

De acordo com Orlandi (2007), a identidade assumida pelos sujeitos não é fixa, mas sofre mutações face aos lugares por eles ocupados. É justamente o que acontece na obra analisada, na qual Elizabeth Teixeira assume vários discursos a partir do lugar social por ela ocupado no momento da enunciação. “Assim, a identidade, como o sujeito, não é fixa, está sempre em produção, encontra-se em um processo ininterrupto de construção e é caracterizada por mutações” (FERNANDES, 2007, p. 45).

Ao longo da obra a identidade da narradora é fragmentada face aos conflitos por ela vivenciados. De acordo com Hall (2006, p. 7) “as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. Em alguns momentos da obra o clima de tensão é instaurado, principalmente quando uma identidade discursiva se sobrepõe à outra. Esse confronto fica visível quando Elizabeth Teixeira assume o papel de militante, mas quer conciliá-lo com seu papel de mãe.

Não era fácil para mim, cuidar da casa, da família, de tudo, e ter essa atuação na Liga. Foi uma batalha muito difícil. Houve momentos em minha vida que foram muito difíceis, mesmo antes do golpe. O tiro no menino, e eu fiquei acompanhando ele no hospital, depois a morte da menina, que me deixou quase louca. Eu só consegui levar essa luta para a frente porque eu tinha a solidariedade dos companheiros (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 103).

Ao longo da obra, fica evidente o confronto entre os diferentes discursos da narradora. No início, ela assume a identidade de mulher; depois do casamento, assume a identidade de mãe e esposa; e no momento posterior à morte do marido, assume a identidade de militante. No entanto, não podemos dizer que em cada um desses momentos esses posicionamentos identitários acontecem de forma homogênea, já que o conflito é materializado na alternância das posições da narradora.

A obra caracteriza-se, portanto, como heterogênea, pois apresenta posições ideológicas em conflito, nas quais, muitas vezes, não é possível demarcar uma separação definitiva entre duas posições discursivas assumidas pela narradora. De acordo com Mussalim (2006) a formação ideológica apresenta-se, justamente, neste confronto de forças ideológicas em dado momento histórico.

Podemos, assim, dizer que cada formação ideológica é constituída de atitudes e representações, que não podem ser consideradas nem individuais, nem universais, mas relacionadas às posições de classe em conflito umas com as outras.

No entanto, isso não quer dizer que numa formação ideológica dada, as forças sempre precisem estar em confronto. Por isso, é importante perceber que uma única formação ideológica permite mais de uma posição que é capaz de confrontar-se com a outra.

Fica evidente o sentimento de culpa da narradora quando teve que deixar seu estado e como consequência, seus filhos na época da ditadura. Principalmente, pelo fato de que a família do seu pai não gostava do seu marido nem dos seus filhos, e foram justamente o pai e os irmãos de Elizabeth Teixeira os responsáveis pela educação dessas crianças:

Muitas vezes, lá em São Rafael, eu pensava: meu Deus, o que foi que eu fiz? Meus filhos hoje estão abandonados. Pela atitude de meu pai, de minha família, eu não acreditava que eles fossem tratar bem os meus filhos, eu sentia que eles não tratavam bem. De fato, eles se criaram, mas criaram humilhados. Isso eu sentia, isso marcava dentro de mim. Como é, meu Deus, que para enfrentar a luta uma pessoa é obrigada a deixar seu filhos tudo jogado? Eu sinto isso, até hoje, eu sinto esse peso para o resto da minha vida (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 183).

Essa parece ser a condição das mulheres que ousam romper o espaço da casa e assumir lugares exteriores ao espaço doméstico, a difícil etapa de conciliá-los. Nesta citação temos no discurso de Elizabeth Teixeira o embate entre duas identidades: a de mãe e a de militante, identidades muito distantes uma da outra, que se tornaram difíceis de serem conciliadas.

O discurso de Elizabeth Teixeira se constitui a partir das diferentes vozes sociais das Ligas Camponesas. Assim, a narradora não fala de qualquer lugar, mas de um lugar de poder que lhe é atribuído através da sua consagração como presidente da Liga Camponesa de Sapé - PB. Esse lugar social, portanto, lhe autoriza a representar e lutar pelos objetivos de luta dos camponeses.

A palavra Liga Camponesa revela discursos em contraste a partir da formação ideológica dos sujeitos em questão. De um lado, temos a posição dos camponeses e do outro o posicionamento dos latifundiários. As posições ideológicas assumidas por esses dois grupos contrários são explicadas através da história. De um lado temos os latifundiários, favoráveis ao sistema capitalista, que defendem a produção de bens de consumo e a exploração da mão de obra a baixo custo para que se tenha mais lucro possível. Do outro, temos os camponeses que veem na Liga Camponesa a esperança para melhorarem sua condição de vida através da partilha das propriedades, onde cada agricultor teria a chance de viver dignamente.

Segundo Fernandes (2007, p. 49), “os efeitos de sentido desses então enunciados revelam conflitos sociais decorrentes dos espaços de enunciação, dos lugares sociais

assumidos por diferentes sujeitos socialmente organizados”. Assim, temos um embate de forças ideológicas contrárias. E a história é a grande responsável pela possibilidade desses confrontos ideológicos, porque o surgimento da Liga Camponesa coincide com a chamada guerra fria, que colocou em oposição dois sistemas de governo distintos: o Capitalismo e o Socialismo.

A partir dessas condições de produção, temos a identificação de uma dessas formações ideológicas por parte dos sujeitos, de modo que se posicionar a favor de uma, indica negar completamente a outra, pois cada pensamento surge de uma formação ideológica dada.

Uma liderança feminina parecia e até poderia ter posto fim ao Movimento. No entanto, todos os seus componentes pareciam compartilhar dos mesmos ideais da Liga Camponesa. E foi justamente esse sentimento que impulsionou os trabalhadores do campo a lutar:

– João Pedro, por mais de uma vez você me perguntou se eu daria continuidade à sua luta, e eu nunca te dei a minha resposta. Hoje eu te digo, com consciência, ou sem consciência de luta, eu marcharei na tua luta, João Pedro, pro que der e vier! (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 88).

O discurso de Elizabeth Teixeira carrega muito mais do que revolta, pois assume um tom crítico que expressa conhecimento ao falar dos papéis ocupados por certos sujeitos sociais que são uma farsa diante dos modelos sociais.

Chegando lá, o policiamento em volta do hospital era grande. O corpo de João Pedro estava lá, guardado por policiais. Isso me deu uma revolta muito grande. Enquanto ele era vivo, a polícia nunca tinha se preocupado com a vida dele, agora que ele estava morto, para que danado precisava deles ali? Eu tinha um ódio muito grande da polícia, por causa das prisões e do massacre que a polícia fazia com João Pedro. Eu nunca tive respeito para com a polícia (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 87).

A voz de Elizabeth Teixeira nega o discurso defendido pela ideologia dominante, e através de argumentos infalíveis, desconstrói a visão ingênua que a sociedade adota sobre a polícia. Esse lugar de prestígio que a polícia ocupa na sociedade foi construído historicamente. A polícia está num dos lugares mais importantes da sociedade, pois cumpre as ordens do Estado. Essa profissão sempre representou status, poder (ou quem sabe abuso do mesmo) e autoridade, uma vez que representa e simboliza a justiça, que é um dos grandes domínios sociais.

O Estado é então antes de mais aquilo a que os clássicos do marxismo chamaram o aparelho de Estado. Este termo compreende: não só o aparelho especializado (no sentido estrito) cuja existência e necessidade reconhecemos a partir das exigências da prática jurídica, isto é a polícia – os tribunais – as prisões; mas também o exército, que (o proletariado pagou esta experiência com o seu sangue) intervém diretamente como força repressiva de apoio em última instância quando a polícia, e os seus corpos auxiliares especializados, são ultrapassados pelos acontecimentos; e acima deste conjunto o chefe do Estado, o governo e a administração (ALTHUSSER, 1974, p. 31-32).

A polícia atua, portanto, como uma força repressora, aliada do Estado na manutenção do poder. Vale lembrar que a polícia teve um importante papel junto ao Estado e aos latifundiários nas repressões contra as Ligas Camponesas.

O discurso de Elizabeth Teixeira é marcado, historicamente pelo seu espírito de luta, que está presente desde a infância, “Eu me lembro que meu pai proibia a gente de ir na casa dos moradores dele, ver a miséria. Ele não queria contato dos filhos dele com os filhos dos moradores” (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 29). Nesta citação percebemos que Elizabeth Teixeira desde cedo tinha uma preocupação com as classes menos favorecidas e de alguma maneira ela sempre tentou ajudar. Assim, podemos dizer que seu olhar para o social é anterior ao encontro com seu marido Pedro Teixeira. No entanto, havia uma repressão muito grande por parte de seu pai, que não queria que os filhos tivessem contato com as péssimas condições de trabalho dos seus funcionários. Comprovamos esse pensamento na seguinte passagem:

Um dia, eu tinha dez para onze anos, era de manhã, e eu cheguei na casa de Zé preto, um morador de meu pai, e a mulher dele tinha descansado à noite. O pretinho estava nuzinho numa cama de vara, um jirau, esteira de capim, eu vi o bichinho ali dentro, nuzinho. Quando eu cheguei em casa disse para minha mãe: – Mamãe, a mulher de Zé Preto descansou. Ela está coberta com um pedaço de tanga de rede, o menino está nuzinho dentro do jirau. Eles não têm nada para comer, o fogo está apagado, ela sozinha lá, outro barrigudinho no chão. Senhora não vai mandar nada não? Tem tanta galinha aí (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 29-30).

As ligas camponesas fizeram parte de um momento histórico do Brasil na luta por reforma agrária. Por isso, tem sido tema de trabalhos acadêmicos que ressaltam sua importância como objeto de estudo. Em sua maioria, estes trabalhos pertencem à área da História, a exemplo do artigo *A Fabricação de uma História Monumental para Elizabeth Teixeira*, do autor Roberto Silva Muniz.

No entanto, Elizabeth Teixeira quando assumiu a luta de João Pedro Teixeira. Por meio dessa escolha fez com que entrasse para as páginas da história das Ligas Camponesas. Já que ela assumiu os riscos e perigos de uma época em que questionar a ordem existente em favor de outra era uma insurgência política da qual, muitos sofreram as penalidades com a própria vida (MUNIZ, 2010, p. 2-3).

Neste trabalho, o autor apresenta a história de luta de Elizabeth Teixeira mostrando sua importância, enquanto mulher e líder de um movimento que se inscreve através da história. Fica claro que a presença de Elizabeth Teixeira como militante do movimento foi movida muito mais por suas ideologias, do que pelo sentimento de revolta, pois se ela não compartilhasse da ideologia formadora das ligas camponesas não teria conseguido passar por tantas etapas difíceis.

A sua voz está representando o grito das minorias sociais que reivindicavam pelo cumprimento dos seus direitos e, conseqüentemente, por melhores condições de vida. Assim, percebemos o entrecruzamento das diferentes vozes femininas que passaram pela mesma situação da narradora. O discurso feminino apresentado na obra foi construído, historicamente, em função das dificuldades vivenciadas pelas mulheres que lutaram ao lado dos seus companheiros, também como mulheres, mães e militantes.

O sujeito discursivo, apresentado através da voz de Elizabeth Teixeira, não revela os problemas e conflitos vivenciados individualmente por ela, mas representa a voz social de todas as mulheres, que durante esse período vivenciaram essas perseguições políticas, pois segundo Fernandes (2007),

O sujeito, mais especificamente o sujeito discursivo, deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo: portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um “eu” individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro (FERNANDES, 2007, p. 33).

Num país em que o dinheiro dita as leis, encontramos na década de 1950, um espaço completamente dominado pelo latifúndio.

Houve até ocasião de usineiro chegar a minha casa, pegar minha mão, arrochar e dizer “Muda Elizabeth, muda!”. Esse usineiro foi Luís Ribeiro Coutinho. E no dia seguinte, ele mandou um peão me dizer que eu teria tudo, casa, carro, dinheiro, colégio para meus filhos se eu renunciasse (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p.113).

Podemos comprovar isso no fato de que os mandantes da morte de João Pedro nunca foram presos. Os donos de terra mais tarde serão os políticos que permanecerão impunes diante das injustiças cometidas contra os agricultores. A polícia que deveria servir a população recebe ordem apenas dos latifundiários, “– Essa é mais uma prova da covardia da polícia. Assassinaram meu marido e hoje vem prender-me. Vejam quantas polícias estão aqui pra prender uma mulher!” (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 112).

Os dois policiais que foram presos com um tempo confessaram o nome do mandante do assassinato de João Pedro Teixeira. Comprovamos na seguinte passagem:

“Cabo Chiquinho e Antônio Alexandre foram presos. Quando eles viram que a situação estava difícil, Cabo Chiquinho confessou que foi ele mesmo que tinha feito o serviço e denunciou os mandantes do crime: Aginaldo Veloso Borges e Pedro Ramos Coutinho” (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 92).

No entanto, os verdadeiros culpados do assassinato de João Pedro e das violências cometidas contra os camponeses nunca foram presos, graças ao poder que exerceram, seja como latifundiários, ou mais tarde como políticos. “Quando Aginaldo viu a cara dele estampada nos jornais, acusado de mandante do crime de João Pedro, ele conseguiu chegar a deputado e com isso se safar da justiça” (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 92).

A Liga Camponesa ganhou proporção nacional e a mobilização de vários setores intelectuais da sociedade, o que passou a configurar-se como uma ameaça para o Estado:

“A reação foi muito grande não apenas no campo. Os companheiros do Partido lamentaram muito a perda de João Pedro. Eles iam muito lá em casa. Estivadores, metalúrgicos, bancários, estudantes, companheiros de vários estados, companheiros até de São Paulo, todos lamentando muito a perda do companheiro” (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 101).

Através da citação fica comprovado por que a Liga Camponesa representava uma ameaça para o governo, uma vez que vários setores da população se mobilizavam em torno do Movimento. Esse crescente avanço do movimento acabava influenciando uma grande parte da população. A amizade de Elizabeth Teixeira com o presidente de Cuba, na época, Fidel Castro, também não era vista com bons olhos pelo governo. Portanto, foi logo colocada como

suspeita. Para o Estado a Liga Camponesa se configurava como uma tentativa de introdução do Comunismo no Brasil, e isso jamais seria permitido no país sob o governo dos militares.

Elizabeth Teixeira foi presidente da Liga Camponesa de 1962 a 1964, quando ocorreu o golpe militar e as perseguições e mortes dos presos políticos. Esse momento foi muito difícil para os membros do Movimento. Alguns fugiram, como Elizabeth; outros foram presos e alguns foram mortos. “Esse companheiro, Manoel Alexandrino, era rendeiro em Maraú. Quando veio o Golpe Militar e ele teve que fugir com a família, ele foi preso chegando na rodoviária do Rio de Janeiro. Pegaram-no e até hoje se encontra desaparecido” (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 104). Esta foi a realidade da ditadura militar, uma parte da história que muitos desconhecem, principalmente porque a sociedade acredita que ocorreu apenas no centro das grandes capitais.

No discurso de Elizabeth Teixeira a terra ganha um tom poético, pois resgata um sentido histórico no Brasil. O tom de liderança, ao defender o camponês, está presente na voz da narradora:

– O senhor paga ou não paga? Paga! Vai pagar! Lavoura é suor, é sangue, e ele não vai deixar a lavoura aí para o senhor. E pode ver aí como o senhor vai decidir pagar, porque se o senhor não pagar, o homem vai ficar morando na terra, fica morando com o direito de colher a lavoura dele e o senhor não vai poder tocar nela não (BANDEIRA, MIELE e SILVEIRA, 2012, p. 105).

Na presente passagem, percebemos a voz de liderança que Elizabeth Teixeira se tornou nas Ligas Camponesas. E como o diálogo com os latifundiários não era tarefa fácil, ainda mais para uma mulher que assumia o papel de líder neste contexto social. Assim, só se torna possível enxergarmos essas dificuldades se entendermos o momento histórico pelo qual o país passava, e qual o verdadeiro objetivo de luta dos movimentos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da obra *Eu marcharei na tua luta: a vida de Elizabeth Teixeira* (2012) foi possível conhecer uma história ainda pouco estudada no mundo acadêmico. A discussão sobre as questões que dizem respeito à ditadura ainda hoje são ocultadas. O poder exercido pelos Aparelhos Ideológicos de Estado, de alguma maneira, ainda não se

apropriaram dessa história de luta que foi a Liga Camponesa da cidade de Sapé - PB.

Com o objetivo de analisar o discurso feminino de Elizabeth Teixeira presente nesta obra, buscamos ao longo do trabalho mostrar os vários vieses discursivos presentes no discurso dessa figura emblemática que foi Elizabeth Teixeira. Ao longo da nossa análise foi possível perceber que a condição feminina imposta pelo contexto histórico e social foi responsável por criar vários empecilhos para a representação de Elizabeth Teixeira. No discurso da autora ficou sempre bem marcada a dificuldade que ela sentia em conciliar seus diferentes papéis como mulher, mãe, esposa e líder camponesa.

As várias identidades assumidas por Elizabeth Teixeira ao longo da sua vida a colocaram como responsável por decisões que até então não eram vivenciadas pelas mulheres. Nas décadas de 1950 e 1960, o papel da mulher ainda estava muito restrito ao espaço doméstico. O acesso ao espaço exterior à casa ainda não contava com a participação feminina. Mesmo assim, Elizabeth Teixeira ousou romper com os padrões estabelecidos para a representação da mulher nesse contexto social.

A primeira ruptura instaurou-se na vida de Elizabeth Teixeira através do amor, como seu pai não aceitou que ela casasse com Pedro Teixeira, ela desobedeceu e casou. Porém, não foi possível conciliar os papéis de filha e esposa, uma vez que para assumir um deles, foi preciso renunciar ao outro. Assim sua família rompeu relações por completo, sua única família agora seria Pedro Teixeira.

Depois do casamento, vieram os filhos e com eles a preocupação de protegê-los da vida que o casal levava no campo. Por dar prioridade ao papel de mãe Elizabeth Teixeira acabou não se envolvendo nas questões sociais que motivavam Pedro Teixeira a consolidar sua luta no campo. Por fim, com a morte do marido assumiu o papel de presidente da Liga Camponesa, no entanto não teve como conciliá-lo com seu papel de mãe. Percebemos, portanto, que a vida de Elizabeth Teixeira foi uma vida repleta de constantes renúncias, sempre que buscou assumir novos papéis sociais.

O discurso da autora coloca em evidência as dificuldades que uma mulher como ela teve que vivenciar numa sociedade marcadamente patriarcal. Podemos dizer que o discurso de Elizabeth Teixeira é marcado por suas vivências sociais, frente aos lugares por ela ocupados. A morte de Pedro Teixeira foi responsável por fazer ressurgir uma Elizabeth que já existia desde a sua infância. Não há como negar que a autora sofreu uma forte influência de seu marido Pedro Teixeira. No entanto, se pararmos para analisar, Elizabeth já tinha um olhar

voltado para o social desde o tempo em que ainda era criança, pois sempre quis romper com os padrões estabelecidos.

Assim, fica claro que Elizabeth Teixeira negou a ideologia dominante, mesmo estando do lado de quem detinha o poder na época. De família de proprietários de terra ela poderia muito bem pensar como seu pai, não se interessando pela família dos trabalhadores e ter casado com um homem que pertencesse a sua classe social, no entanto ela optou por mudar de lado.

A memória aparece como o lugar de resistência, sendo responsável por desmascarar os espaços de opressão, de silêncio, de fuga e de humilhação. É, portanto, a partir dessa memória que se reconstrói a História da Liga Camponesa de Sapé. É importante perceber que a memória também é feita de esquecimentos, de recuos e pausas, momentos esses que são responsáveis pela reconstrução das lembranças.

Esse processo de rememoração, no entanto, não é fácil para os sujeitos em questão. No caso de Elizabeth Teixeira, falar dessa história foi vivenciar novamente toda a briga com sua família, o assassinato do marido, a morte dos filhos, sua ausência como mãe, a repressão da polícia e o silenciamento imposto pela ditadura militar. Foi possível perceber que é justamente através das Instituições que se torna possível as imposições, resistências, exclusões e silenciamento.

Ao final deste trabalho, concluímos que a história, a ideologia e a memória foram indispensáveis para a construção do discurso de Elizabeth Teixeira. Um discurso de resistência que ultrapassou a barreira do silêncio ao se inscrever na história. Uma obra que se apresenta como fruto de um difícil trabalho de volta ao passado, feito através de pausas e silêncios, silêncios estes que se revelam na linguagem de Elizabeth Teixeira através da quebra da linearidade, na qual presente, passado e futuro se entrelaçam na construção desta obra. Percebemos, portanto, que as condições de produção foram responsáveis por proporcionar mudanças ideológicas no discurso da autora a partir das várias identidades por elas assumidas ao longo da obra.

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre. **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Trad. Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa, Presença/Martins Fontes, 1974. (título original, 1970)
- BANDEIRA, Lourdes; MIELE, Neide; SILVEIRA, Rosa (Orgs). **Eu marcharei na tua luta: a vida de Elizabeth Teixeira**. 2. ed. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- FERNANDES, Cleudemar. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 101-142.
- GOTLIB, Nádya Batella. A literatura feita por mulheres no Brasil. In: MUZART, Zahide. (Org.). **A mulher na literatura**, n. 9, Boletim do GT, Anpoll. UFSC, 2000/2002, 102-135.
- POPULARES, Grupo de Movimentos. **João Pedro Teixeira: vivo na memória e nas lutas dos trabalhadores/ Consulta Popular/PB**. João Pessoa: Idéia, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. São Paulo, Expressão Popular, 2007.
- MUNIZ, Roberto Silva. A Fabricação de uma História Monumental para Elizabeth Teixeira. X Encontro Nacional de História Oral Testemunhos: História e Política, 2010.
- MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina. (Orgs.). 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- ORLANDI, Eni P. **Discurso e Leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- ORLANDI, Eni. **Interpretação: autoria e efeitos do trabalho simbólico**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1997. Tradução original, 1983.
- SILVA, José Graziano. **O que é Questão Agrária**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.